

E-BOOK **os sonhos revisitados**
the revisited dreams

afetosecretos

Graça Pizá

apoio

CHILDHOOD
PELA PROTEÇÃO DA INFÂNCIA
www.escp.org.br

Clinica Psicanalítica da Violência

2010 | Rio de Janeiro | Brasil



Graça Pizá

afetosecretos

os sonhos revisitados

o filme

direção | produção | roteiro Graça Pizá

elenco [fotos do e-book]

menina/mulher|Julia Lund; *Psique*|Cibele Larrama;

pai|Marcelo Klein; *mãe*|Simone Centurione; *Eros*|Patrick Sampaio

apoio Clínica Psicanalítica da Violência|Revirança – Rio de Janeiro

e-book

tradução Sandra Klein Cannone; Robson Dutra; Tim Holt

revisão Suzana Martins; Jurema Nasi

projeto gráfico Jair de Souza Design
Jair de Souza; Rita Sepulveda
Felipe Kaizer; Aline Assis

captura das imagens Bruno Prada; Gustavo Wanderley

tratamento de imagens Gustavo Corrêa – Apoio Criativo

Ficha Catalográfica

B512s Pizá, Graça
afetosecretos | os sonhos revisitados
Graça Pizá, Rio de Janeiro, 2010.
135f.
I. Psicologia. 2. Psicanálise. 3. Cinema
ISBN 978 - 85 - 910717 - 0 - 8
UNIPÊ / BC CDU – 658:004

agradecimentos

6 À *Childhood*, fundada por S.M. Rainha Silvia da Suécia, pelo desafio de apoiar o filme *afetosecretos*, que originou os livros: *afetosecretos|o vocabulário* e do e-book *afetosecretos|os sonhos revisitados*.

À Organização *Medicus-Mundi*|Itália, ligada à Organização Mundial de Saúde, pelo apoio à realização do filme *afetosecretos*.

À Imprensa Oficial do Estado de São Paulo pela parceria valiosa e apoio constante, já demonstrados com a publicação do livro *A violência silenciosa* do incesto, vencedor do Prêmio Jabuti | 2005, Câmara Brasileira do Livro.

Ao Dr. Alberto Concha-Eastman, assessor regional da Organização Mundial da Saúde|OMS, pela precisão profissional, ao apresentar a importância do tema em *afetosecretos|o filme* e em *afetosecretos|o vocabulário*.

Aos conselheiros da Clínica Psicanalítica da Violência, Paulo Fernando Pizá Teixeira, Claudio Ferrarese e Elias Engelhardt, que através de suas singularidades ofereceram apoio ao desenvolvimento dos trabalhos realizados.

A todos os colaboradores e amigos que deram apoio de modo efetivo e constante.

introdução 22

chegada 22
[sonho de perigo]

banho I 22
I [sonho de pavor]

amigos perdidos 22
[sonho de nostalgia]

banho II 22
[sonho de nudez]

templo 22
[sonho de culpa e pecado]

oito interior I 22
[sonho de melancolia]

roboneca 22
[sonho de mascaramento]

oito interior II 22
[sonho de melancolia]

pai-morto I 22
[sonho de angústia]

sol-prisão 22
[sonho de luto feliz]

brinquedo de neve 22
[sonho de angústia]

beladormecida 22
[sonho de angústia]

coração partido 22
[sonho de separação]

pai morto II 22
[sonho do retorno]

mãe-aranha 22
[sonho de ausência]

eu morta-viva 22
[sonho de vir-a-ser]

a virada 22
[sonho de renascimento]

tempo aprisionado 22
[sonho de espera]

retrato de família 22
[sonho de desfiguração e de reconstrução]

picassiana e o jogo das cores 22
[sonho de sublimação]

espelho 22
[sonho de travessia]

Eros 22
[sonho de reparação]

10 **afetosecretos | os sonhos revisitados**

O filme *afetosecretos* apresenta uma sequência de imagens e sons dos 22 sonhos que integram o roteiro original, reescritos aqui como narrativas filmicas. Os sonhos foram escritos com base em fragmentos a partir de relatos de crianças analisadas que viveram o incesto na infância. São sonhos que não revelam seu sentido imediato, mas, com suas narrativas e conteúdos manifestos, permitiram um entendimento psicanalítico do psiquismo da criança exposta ao trauma do incesto.

Nesses sonhos revisitados são apresentados novos termos e conceitos, que surgiram da clínica psicanalítica e estão aqui inseridos no plano da realidade psíquica característica do trauma sofrido. As imagens filmadas não representam apenas uma expressão onírica da fantasia e do desejo inconsciente infantil, mas, fundamentalmente, expressões que assumem valor de significante, ao nomearem as deformações afetivas que o incesto originou. Foram inspiradas em imagens e desenhos, sons e palavras, que narraram os segredos eróticos próprios das perversões, em especial do fetichismo e do voyeurismo.

11

Os objetos oníricos – a bolha, a escada, os desenhos pintados no chão, as máscaras das personagens femininas – são símbolos que fazem emergir dos sonhos as reflexões sobre o estados do afeto no cenário perverso do incesto.

O filme conta a história de uma mulher que se encontra em um futuro distante, em um não lugar, sozinha, que ao dormir tem sonhos intensos, perturbadores. Os sonhos a fazem acordar várias vezes durante a noite, e a cada retorno ao sono, imagens oníricas de sua infância vão se tornando cada vez mais presentes. Nesses sonhos ela está sempre presa dentro de uma grande bolha, durante muitos dias, meses, longos anos. Ela então vai rememorando, sonho a sonho, o tempo de sua vida cercado de medos, silêncios, angústias, culpas e ameaças secretas. A intensidade afetiva captada e recriada pelo recurso fílmico dos grandes *closets* permite dar visibilidade ao afeto, resgatando a própria função da palavra na transmissão do desejo. A cada sucessão de imagens e falas pode-se decifrar e reconhecer como se organizam os conteúdos manifestos e latentes dos sonhos revisitados.

São as vozes que criam e narram os conflitos da personagem central consigo mesma, conflitos reprimidos que sofrem deformações oníricas, confundindo-se com as emoções e com os acontecimentos condensados e deslocados dos importantes fatos vividos e rememorados da infância da personagem. Assim, os sonhos de angústia e de punição se transformam em sonhos de resolução, superação traumática e realização de desejos libertadores.

A cada sonho, a personagem principal vai resgatando na sua lembrança o sentido das motivações incestuosas que marcaram toda a sua vida. A cada cena, ressurgem as recordações do sofrimento vivido e estas imagens vão se tornando mais presentes na sua memória. A cada plano, as imagens assumem as formas e as cores dos seus afetos, lembranças de um tempo em que era muito pequena, quando o pai invadia o quarto, à noite, fazendo carícias em seu corpo, em seu sexo. As imagens oníricas se prolongam em movimentos lentos, se deslocam, plano a plano, no mesmo tempo do sonho da personagem, relacionando o tempo das lembranças com o tempo do filme. São movimentos que reproduzem a asfixia interior, a pressão gerada pela falta de contato com o mundo exterior, o aprisionamento e a solidão.

Angústias que estão presentes na própria condição de confinamento da personagem; condição de objeto imobilizado – objeto fetiche – na qual é colocada.

A narrativa em *off*, na voz de Psique, é a expressão do inconsciente da personagem, ora menina, ora mulher. É a representação dos seus desejos, afetos e pensamentos. É a expressão dos sentimentos mais íntimos que ressurgem no filme. É a voz que algumas vezes acusa a personagem de não ter percebido o perigo e de se sentir culpada é a voz do seu superego tirano que a condena ao sacrifício.

O primeiro sonho, a chegada, simboliza o momento em que ela, ainda criança, entra no trauma do incesto, surpreendida, quando ainda não consegue perceber o perigo real, ameaçador, que antecede o ato incestuoso. O medo, a sedução, o silêncio imposto são recordações que estão presentes nos sonhos de pavor. Os sonhos do banho evocam mistério, aflição e medo. Alguns sonhos são obscuros, outros contraditórios, mas quase todos atualizam a angústia, o desamparo, o excesso de uma sexualidade assustadora, invasiva, brutal, que paralisa, isola e a faz sofrer.

Sonha que está no templo e, ao pedir perdão divino, busca socorro porque se sente humilhada, envergonhada, culpada e sozinha. Deseja fugir, mas está presa dentro de um sol-prisão. Sonha que é uma roboneca, uma máquina, um brinquedo que dá prazer, mas nada sente. Sonho maquínico de fazer parar seu lugar humano, sua palavra. Ao ser confrontada com essa posição de estranheza, o ciclo de culpa e castigo dos sonhos de punição se fecha sobre ela. Prisioneira da sua própria culpa, a personagem perpetua o lugar da criança exposta à violência, lugar de máquina de gozo, sem amor, sem emoção, sem vida. O sonho do oito-interior faz despertar as lembranças mais antigas, na tentativa de decifrar o caminho a ser encontrado. Os sonhos de culpa e punição dão lugar aos sonhos de melancolia, de tristeza profunda, de separação e por fim aos sonhos de abandono e de morte. Os sonhos do pai-morto e da mãe-aranha, dentro da bolha, simbolizam período de escuridão afetiva. Ao se ver morta ao lado do pai, ela se vê transparente, invisível. É a sideração, o susto, o espanto, a melancolia presentes nos sonhos traumáticos. A personagem, agora mulher, se assusta com o retorno do pai e acorda apavorada com a terrível recordação. A expressão do afeto melancólico a faz desabar na tristeza profunda dessa lembrança. A volta dele em sonho é a volta do trauma recalcado que reaparece nos afetos oscilantes e ambivalentes. O desejo

de morrer é o mesmo expresso no olhar cruel da mãe que reduz a criança ao silêncio, à imobilidade, à sua própria inexistência. Os sonhos que remetem à morte, simbolizam a trágica morte da palavra no incesto. O silêncio invisível e indizível é o mesmo silêncio do vazio, da angústia, do ódio, da depressão e do abandono. São afetos e pensamentos inconscientes que fazem voltar o trauma da infância. São os sentimentos esquecidos que foram modificados pela censura, condensados ou deslocados nos sonhos, mas, que de alguma forma, puderam emergir à consciência e despertar os enigmáticos sentimentos inconscientes. Os relatos alucinados dão lugar aos sonhos de espera, sonhos ainda de reminiscências que resistem ao tempo do esquecimento. Pela força, intensidade e distância do tempo passado, o sonho do tempo-aprisionado é o sonho de um tempo em que a personagem precisa se proteger da dor, da perda e do abandono parental.

Uma transformação de luzes e cores das cenas seguintes simboliza a mudança interior em busca da compreensão e do sentido para o sofrimento vivido. O sonho da virada marca o momento do filme em que o trágico instante da personagem diante da sua 'morte' sofre uma suspensão, e o conflito cede às pressões psíquicas internas e externas. O desejo de renascimento é o desejo onírico

alucinado que ela experimenta ao deixar para trás sua identidade-fetice para renascer na forma iluminada de uma identidade-viva. Uma força psíquica transpõe as barreiras do segredo e, sob a forma de um intenso desejo ocorre a virada de tempo, simbolizando os anseios de afastamento e de separação do vínculo parental incestuoso. São os desejos que irão produzir os sonhos claros do filme.

O sonho da virada traz um estado de urgência da vida que não quer morrer. É o tempo de renascimento, tempo de construir para si os limites internos, as leis, os interditos e a diferença sexual, transgredidos no incesto, criando o tempo de novos vínculos, novos afetos. O sonho seguinte, o tempo aprisionado, revela a persistência do desejo de fazer o tempo andar. O vazio subjetivo responde à chegada dos novos vínculos afetivos, criados para restaurar o desejo de viver. Assim, o desejo de 'fazer o tempo aprisionado andar' se amplia, se imortaliza na própria capacidade de o inconsciente simbolizar a dor e ao mesmo tempo de preservar a vida psíquica, representa a própria ambiguidade do afeto incestuoso nas suas reminiscências traumáticas. O sonho retrato de família faz voltar o trauma e, ao iluminar o olhar da criança, permite que ela se veja em um outro lugar, ressurgindo no sonho, sem a máscara, sem o invólucro, sem a estranha e bizarra identidade-fetice. O sonho

Picassiana e o jogo das cores traduzem os efeitos do processo da análise, através da interpretação e dos mecanismos de construção de novas formas, [novas cores] e novas palavras que simbolizam a construção de uma nova identidade. A personagem se vê metade menina, metade mulher, visão onírica que evoca os desejos suprimidos e proibidos, simultaneamente, transgressivos e permisivos da infância no incesto. A imagem do corpo ambivalente e dividido é representada nesse sonho. Ao caminhar sobre o desenho com um enorme pincel, a personagem vai pintando as linhas que dividem seu corpo de menina, sobrevivente psíquica da destruição trágica do incesto, para reconstruir uma nova imagem de si em um corpo adulto. Este sonho permite encontrar, na metáfora das cores, as transformações do afeto em busca da saída do trauma, nessa nova construção de si. São os afetos 'sublimatórios' que estão em oposição aos afetos secretos. O sonho do espelho, por ser um sonho de narcisismo, 'reflete' o verdadeiro fundamento do processo onírico, fazendo surgir uma nova imagem de si. É o sonho que visibiliza o trabalho de reconstituição da sua identidade e simboliza a passagem, a transição do estado de aprisionamento traumático, dividido, ambivalente, para um estado afetivo coeso e sublimatório. É esse reconhecimento de si que permitirá a realização do desejo que se formou ao longo da prisão incestuosa.

Ao sonhar com um novo sol – um novo mundo – a personagem se reinventa, se reconstrói na fantasia do seu renascimento. É o tempo de atribuir para si um novo valor, um novo desejo, atenuando as marcas dos traumas passados. Uma outra vida é desejada, sonhada, trazendo nos afetos falados as palavras iluminadas de sentido e de unidade. É o tempo de atrair para si todas as dimensões criativas do psiquismo. A sua imagem no espelho revela o olhar que antecipa a experiência da travessia. Este é o momento do filme no qual a personagem se liberta do trauma. É o instante da passagem, da saída, o momento de construir o que estava perdido nos seus escombros e que agora ressurge nos seus sonhos mais iluminados. É quando a personagem se reconhece na sua totalidade e coesão, quando seus afetos permitem sentir e viver, na diferença, as novas singularidades. O apelo de encontrar o amor é sentido como o desejo que emerge das palavras da Psique.

Com a chegada de Eros, uma outra vida é sonhada. É o tempo de tirar a máscara e atrair para si todas as dimensões do psiquismo libertador. Uma vida adulta é desejada e plenamente possível, quando amor, ódio e sofrimento não serão afetos temidos e sim vividos em suas intensidades preservadoras. O sonho de Eros simboliza a chegada do desejo de escolher e de construir novas alianças, desejo de encontrar no amor o sentido que cria a coesão e que move os afetos ao longo da vida.

Este e-book apresenta dois textos que se interligam. O primeiro apresenta o relato descritivo [conteúdo manifesto] dos 22 sonhos de *afetosecretos | os sonhos revisitados*. Estes relatos se encontram nas páginas à esquerda, com a fotografia de cada sonho, sua nomeação e seu tempo no filme. O segundo texto apresenta uma releitura psicanalítica [conteúdo latente] do sonho correspondente e encontra-se nas páginas à direita do e-book.





22

chegada 01:48 – 06:53

“Acordei neste estranho lugar, um silêncio muito escuro, olhei pra cima e vi que estava presa, tentei sair batendo com as mãos na parede mole da bolha, que afundava, depois eu vi uma luva preta. Lembro dessa noite, a mão dele dentro do sapatinho chinês; o pêndulo que balançava de um lado para outro, bem perto dos meus olhos, eu me escondia de medo.”

A chegada [sonho de perigo] revela o momento em que a criança entra no trauma do incesto, surpreendida. O efeito de surpresa e de não-preparação implicam no desconhecimento do perigo. Ela não consegue perceber a situação perigosa, ameaçadora, a qual ela não está preparada. O Eu frágil da criança não compreende, não reconhece o perigo que antecede o ato incestuoso. A criança segue os caminhos do perigo e do temor, ao mesmo tempo em que se aproxima do conflito incestuoso, quando então, responde ao perigo com reações opostas. Ao recusar a realidade ameaçadora e ausente de qualquer proibição, se nega a ver o pai como um perigo real e, desse modo, é rendida ao desejo dele. Por outro lado, ela reconhece o perigo, acolhe dentro de si esse medo, como um sintoma, e somente mais tarde tentará lidar ou enfrentar o medo do pai, ajustando-se à realidade do incesto. Ela ama e, motivada pela paixão, confia nele, por isso, a criança não associa o pai ao perigo, não conseguindo, neste momento, avaliar as intenções, os riscos e os artifícios do incesto. O perigo real só é percebido após o primeiro golpe, quando descobre com angústia que foi traída. O perigo de perder o amor daquele que ela ama faz com que mergulhe na sedução e anestesia erótica sem precedentes. É a angústia do 'silêncio escuro', do silêncio vazio de palavras, que esse sonho revela. O sofrimento psíquico aprisiona a verdade e impõe uma realidade ausente de sentido. A personagem tenta fugir, mas percebe com angústia, que está presa dentro da bolha. O sonho retem nas suas 'paredes moles' os estilhaços produzidos pelo incesto, fazendo ressurgir a angústia despertada pela violência dos afetos negativos, lembrança da noite em que foi abusada pela primeira vez. O sonho desencadeou, com a imagem do sapatinho chinês, o significante do fetiche. O sonho tece à noite os impactos internos e externos produzidos pelo conflito incestuoso no Eu, durante o dia. O sonho da chegada é um sonho de angústia frente ao perigo, sonho que simboliza no filme o instante da entrada no trauma, quando a criança precisará enfrentar sozinha a dor causada pelo ato sexual violento e o sofrimento provocado pela transformação de seu corpo em objeto de gozo perverso.

23



“Eu estava no banho quando ele chegou de novo, falando umas coisas no meu ouvido, respirando forte, ele abria a cortina pra me tocar, eu sentia tanto nojo dele, eu tentava fugir, mas a porta estava trancada.”

O sonho do banho I [sonho de pavor] revela como o afeto de pavor sentido pela criança, durante o dia, se mantém com a mesma intensidade, durante o sonho, permanecendo relacionado com o sentido do sonho, que é o nojo provocado pela sedução e invasão corporal. No sonho, o desejo de fugir é o mesmo sentido durante o dia, desencadeado pela ação psíquica do ato traumático. O sonho do banho é a expressão inconsciente do medo extremo que a criança sente durante a violência sexual. O sonho, na sua forma 'alucinatória' possui um sentido deformado tornando irreconhecível as suas vias de deformação. A análise desses sonhos de pavor incestuoso revela que o pensamento onírico da criança associado ao banho desempenha na vida diurna um importante papel nos encontros incestuosos: (1) por ser um local fechado, o banheiro é um dos lugares onde mais ocorre a sedução e o abuso, confundindo a criança entre a necessidade de tomar banho e o olhar de desejo do sedutor; (2) estar nua no banho desencadeia angústia real sentida pela proximidade do corpo do sedutor com o seu corpo nu, impossibilitando-a de assimilar o ato violento num lugar impensável; (3) no banho, o corpo e o sexo expostos retiram o sentimento de proibido, mudando o significado da nudez. Nestas condições, o banho passa a significar um lugar de reclusão, de pavor, onde a água, os cremes, os perfumes e os brinquedos se transformam em objetos fetichizados, fragmentados na pele que arde e sangra, no corpo que dói e grita, na 'unha que machuca'. O encontro desastroso do corpo-sexo do adulto com o corpo-sexo da criança caracteriza a tragédia do incesto, desencadeando na criança sintomas de intensa perturbação psíquica. Ela se cala para se proteger do medo, da dor, das ameaças. O sentimento de repulsa e nojo é uma reação de proteção contra o excesso de angústia, e excitação corporal. O pavor de se sentir trancada no banho, numa situação de clausura, de segredo e de reclusão é um sintoma característico da violência sexual. "O fetichista sente desfrutar de ainda outra vantagem desse seu [objeto] substituto de órgão genital: o significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é recusado ao fetichista" [Freud, 1927].

“Eles estavam andando na rua; eram os meus amigos perdidos que nunca tive na infância, ainda hoje sonho com eles, andando na rua.”

O sonho dos amigos perdidos [sonho de nostalgia] simboliza a importância de todas as determinações psíquicas da infância para a vida adulta. Para a criança, que está presa no incesto, esse sonho significa o impacto traumático na vida social da criança.

O trauma sexual se produz pela violência do seu acontecimento e da sua realização, ampliando a angústia, o medo, o desamor, a tristeza, a solidão, o escuro, o desamparo, o abandono, o vazio. A infância no incesto é sempre o local da catástrofe afetiva, sexual, familiar e social. É a infância que não brinca porque foi sequestrada pela dor e pelo sofrimento de uma excitação e uma crueldade intoleráveis. O sonho revela que o trauma da infância é a sede das experiências para sempre irrepresentáveis.

Quando as perturbações do incesto sequestram a criança, o brincar e a alegria, os amigos perdidos representam o desejo de encontrar, naqueles que estão fora de seu mundo-prisão, a alegria de uma infância que nunca existiu, de uma infância sem brincar, de uma infância sem direito aos amigos.

Este sonho é uma variação substitutiva do desejo de infância, uma 'violenta nostalgia' que produz um estado de sofrimento psíquico relacionado àquilo que foi perdido [relação de objeto], que nunca existiu e só pode ser sentido como saudade.



“Lembro que ele aparecia do nada, eu sentia vergonha, mas fingia que não via, ele ficava olhando o relógio e me tocando, passava a mão e me beliscava; eu queria fugir, virar vapor junto com a água do banho.”

O sonho do banho II [sonho de nudez] é um sonho de repetição traumática, no qual o sintoma criado pelo trauma, persiste e retorna no sonho. As lembranças encobridoras se inscrevem na cena do sonho que revela os sentimentos recalçados de indignação e de assombro, sentidos na cena erótica sem precedente, lembranças esquecidas que revisitam o sonho. O afeto de pavor faz despertar na criança o desejo de fugir. Ao fingir não ver, ao desejar evaporar-se da cena, ao tentar se esconder, se vê novamente nessa insuportável situação, representando o conflito da vontade em negativo, em oposição. O sonho de estar nua remete à vergonha e à humilhação frente à força e ao domínio do sedutor, desencadeando uma reação de aflição. O pavor de ser tocada e de ser penetrada é a essência deste sonho, que esconde o conteúdo da cena de exibição, encontrando na censura o veto dos afetos indissíveis e invisíveis.

A vergonha de ser e estar numa situação de embaraço, de enrubescimento e de dominação, gera sentimentos de humilhação, insegurança e medo; o corpo é o senhor absoluto da vergonha incestuosa, quando o sentimento aflitivo é desencadeado pelo poder do olhar do sedutor que fixa e despe o corpo da criança. É uma emoção presente e fundamental para a compreensão da sexualidade da criança no incesto.

A timidez e o pudor se ampliam com a vergonha do corpo nu na tentativa de esconder e evitar a repugnância, a culpa e o ódio sentidos. O querer fugir é o desejo de escapar, de recusar, de retirar-se da cena do incesto. É o desejo de dizer não à emoção perigosa, repugnante e insuportável. É o desespero, a angústia de se livrar do sofrimento e da dor. O desejo de ficar invisível-transparente é um recurso da criança que pensa uma forma mágica de fuga e também uma forma de desejar a morte do seu tirano íntimo. Assim como o sonho, o incesto também engana o desejo [denegação]. O sonho engana em função da estrutura tópica da psique, e o incesto é uma forma de fraudar, de enganar o afeto.



“Eu estava subindo uma escada sem fim e quando olhei pra cima vi o olho no céu. Eu pedia perdão, mas minha voz não saía, eu estava com muita vergonha e muita dor.”

O sonho do templo [sonho de culpa e perdão] está relacionado à censura, ao interdito e ao sentimento de culpa, podendo assumir muitos significados oníricos. O olho de Deus se desloca para o olho voyeur do pai que ameaça, invade, desliza e devora. O olho da censura vigilante da pulsão escópica faz movimentar o sentido desse olhar controlador, associando a culpa ao pecado, à sujeira e ao mal.

O sonho do templo é um sonho de perdão, pois representações inconscientes fazem surgir na criança o desejo de ser protegida. A criança sente culpa e vergonha de si, associando essa vergonha ao sujo e ao feminino. O olho no céu pode também remeter ao indigno e à busca do perdão, demandando um juramento a Deus. A escada para o céu aponta para o lugar que se infinitiza em busca de um sentido para a culpa experimentada no incesto. Ao buscar perdão, ao pedir perdão divino, a criança busca socorro porque se sente humilhada, envergonhada e sozinha. Ela busca o perdão de Deus, à ela e ao pai, e espera que ele peça perdão a Deus e a ela. No sonho do templo a vergonha está relacionada com a ação das forças repressivas. O significante de afeto amoroso, dirigido ao pai, se transforma em repugnância, nojo, vergonha e culpa. A ruptura violenta do amor, daquele que a criança ainda ama expõe as marcas do trauma sexual, da dor e do sofrimento psíquico desencadeadas pelo conflito inconsciente. No incesto sempre ocorre um distúrbio de ritualização, daí o sonho do templo esconder, no ritual religioso do perdão, o desejo inconsciente, proibido e recalado. As relações associativas dominação|submissão, ligadas ao sentimento de culpa defensiva assumida pela submissão infantil [masoquismo], caracterizam as vertentes da perversão fetichista presentes na relação incestuosa." Os tormentos causados pelas censuras da consciência correspondem precisamente ao medo da perda de amor, por parte de uma criança, medo cujo lugar foi tomado pelo agente moral" [Freud, 1938].

“Estou no tempo de uma infinita escuridão e tristeza, andando sobre uma linha sem fim...”

O sonho do oito interior I [sonho de melancolia] simboliza o lugar da angústia [topologia do inconsciente] no momento em que a personagem está buscando uma saída interior para o sofrimento desencadeado pelo trauma. A imagem é de uma linha de movimento, na qual a personagem circula, percorrendo-a em toda a sua extensão e retornando ao ponto de partida [Möebius]. É o sonho que permite visibilizar o movimento dos pensamentos interiores em busca de dispositivos capazes de perceber uma falta que o sonho [símbolo] não supre. A personagem busca uma saída, um deslocamento da angústia e da melancolia, um estado afetivo característico do incesto.

O sonho remete ao negativismo e ao medo melancólico de a criança ser destruída ou de destruir-se [angústia de castração|angústia de morte]. Assim, a linha desenhada no chão, simboliza a concepção espacial, tópica, do acontecer psíquico [topologia do inconsciente] e a da atemporalidade, indicando, a cada volta, como as lembranças, o temor e o sofrimento triste do passado se associam ao presente, dando ao sonho a característica peculiar desse pensar visual. Esses pensamentos oníricos se transformam e revelam sua significação mais profunda na psique. No sonho do oito interior, a personagem se vê diante da sua própria 'inter-nalidade'. Ela se angustia com a sensação pouco conhecida, trazida pelo sonho, da ausência de sentido para essa escuridão sem fim. O conteúdo desse sonho revela que as sensações de desprazer, como a tristeza melancólica e o sofrimento, pressionam o inconsciente em busca de mudanças. A melancolia dessa cena atinge a sua máxima intensidade - infinita tristeza -, quando a personagem menina se vê voltada para as recordações esquecidas, que o sonho atualiza. Os pensamentos oníricos oscilam entre os temores do passado, a tristeza do presente, e as incertezas de um tempo futuro: "O oito interior...nos permite figurar o desejo como lugar de junção do campo da demanda, onde se presentificam as síncopes do inconsciente com a realidade sexual" [Lacan, 1973].

“Tinha um sol-negro no chão e eu deitada dentro dele, sozinha. Eu tentava me mexer, mas não conseguia, porque meu corpo era de uma roboneca!”

O sonho da roboneca [sonho de mascaramento] põe em evidência a condensação de duas palavras, formando um neologismo - robô+boneca=roboneca - sendo uma palavra-fetice como resultado da ação simultânea de vários significantes: (1) a roboneca é a máquina que cria um estranhamento familiar [*Unheimlich*] assustador no corpo e na psique da criança, corpo que se torna estrangeiro para ela; (2) o absurdo do sonho se apropria da verdade inconsciente, verdade inapreensível para o Eu da criança, que não tem consciência do seu lugar de máquina de gozo. Ela, porém, se sente assim, tem um saber inconsciente pelo qual percebe o artifício e a erótica deste lugar- prisão; (3) a criança que constrói a fantasia de ser uma roboneca tem a percepção afetiva de estar no lugar de objeto, ela se sente assim, uma coisa sem vida, sem luz, uma boneca-robô, se tornando para o fetichista um fetiche muito mais secreto e durável do que os fetiches comuns; (4) o sol-negro está morto de luz e faz voltar, no sonho, a escuridão da melancolia, sendo uma imagem significativa da profunda tristeza, dificilmente imaginável para o mundo interior de uma criança; (5) a dor extrema produz uma tensão extrema até a anestesia afetiva, quando ela tem a percepção de que seu corpo se transforma em uma máquina de gozo, quando a criança não sente mais seu corpo. O sofrimento paralizante não pode ser compreendido e aponta para uma realidade hostil e sombria. A melancolia no incesto é o silêncio absoluto, o afundamento mórbido, o desinvestimento afetivo, o abandono cruel de si. O sonho de mascaramento revela a roboneca no lugar de significante da angústia. Diante da possibilidade de uma cisão do Eu, o sonho de mascaramento constrói uma defesa, não apenas contra a angústia insuportável, mas também como uma necessidade de recalcar e revelar ao mesmo tempo a montagem perversa que ela representa. O significado e o propósito do fetiche são sempre os de ocultar e exibir o produto da renegação fetichista. Esse ato implica no puro ódio, na tentativa incansável de destruição, de apagamento da diferença [sexual], de desumanização. A criança silencia diante da imposição cruel, diante do que não consegue entender. A desorganização afetiva do incesto impede toda e qualquer chance de a criança perceber ou identificar os afetos fundamentais à vida humana.



“... é um oito infinito, nesse espaço, fico pensando onde deve estar a saída e então, ouço minha voz interior e fico falando com ela”.

O sonho do oito interior II [sonho de melancolia] é um sonho de repetição, que se volta para os pensamentos inconscientes do passado. O trauma abriu uma fenda narcísica e encontra no sonho de repetição uma chance de diminuir a quantidade de afeto em busca de uma saída, capaz de deslocar a dor infinita e a tristeza melancólica. A personagem Psique é a voz do inconsciente, voz escutada nos estados do pensamento onírico, simbolizando a posição de ‘reviramento’, fazendo movimentar o desejo que está significado no sonho.

Esse sonho de melancolia esconde o dilema traumático do incesto, diante do qual a criança é confrontada. O que a perturba é o fato de não poder articular o sentido do acontecimento traumático, cujo impacto sexual a paralisa. A melancolia é a tristeza profunda associada ao sofrimento moral e à crueldade no corpo, mantendo a criança prisioneira da erótica perversa para que ela permaneça presa no jogo da sedução.

O mistério que envolve o encontro do corpo do adulto com o corpo da criança, a sexualidade exacerbada e a sedução escondida constituem experiências que confinam, dão medo e sensação de perigo, mantendo a criança entre duas proibições, a de pensar e a de saber sobre o segredo intocável do incesto. O engano é vivido com angústia e tristeza profundas e a criança não pode deixar de dar a esses afetos um sentido possível - a traição amorosa -.



38

pai-morto I 17:19 – 18:55

“Eu estava deitada no sol-negro com uma roupa transparente. Foi quando olhei para ele e senti que era o pai-morto, ali do meu lado, tinha um vulto saindo, parecia minha mãe que nos olhava; comecei a gritar, mas eu estava sem palavra, tentava falar, mas o som da minha voz não saía.”

O sonho do pai-morto I [sonho de angústia] ocorre quando os motivos secretos da perturbação inconsciente constroem a cena da morte do pai. O sentido desse sonho, como indica seu conteúdo, é o desejo de que o pai venha a morrer; é um desejo de afastamento e de ausência. Após a morte haver ocorrido no sonho, é contra esse desejo inconsciente que a censura cria uma reação. Para o inconsciente da criança – que nada sabe a respeito da morte – o estar morto significa ter ido embora, ter deixado de incomodar. Quando a criança sonha com os sinais de afastamento do pai, e esse sonho ocorre no momento em que a criança está sendo violentada, ela tem todos os motivos para reagir contra essa violência e desejar no seu inconsciente a sua ausência, dando ao seu desejo a forma da vingança. A intensa 'alienação' afetiva com o pai revela que por trás do 'terno amor sedutor', há uma hostilidade oculta no inconsciente.

39

O sonho do pai-morto é um sonho cujo significado é de alto impacto psíquico, remetendo a criança para o silêncio ensurdecedor do incesto. A angústia que gerou a ausência de palavras e do grito sem som faz com que o desejo de ser ouvida apareça no sonho. Um desejo ambivalente que emerge da [trágica] cena onírica. O desejo de ver o pai morto, é um desejo de vingança sem palavra, que pode ser sentido, mas não pode ser dito, porque não pode ser ouvido. O grito é um significante do afeto inaceitável, é a expressão daquilo que não pode ser aceito nem suportado, porque envolve uma dor intolerável da qual ela está tentando se livrar. O grito sem som é uma forma de o inconsciente da criança indicar que não aceita o ato de sadismo. A ausência de som pode ser uma resistência frente a lembrança sexual angustiante que não encontra lugar de significação. "Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta o nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido" [Freud, 1900].



40

sol-prisão 18:56-19:33

“Dormi de novo e não sentia mais meu corpo, quando acordei estava deitada, de bruços, sozinha no centro de um sol-prisão; acordei e voltei a dormir com uma sensação de luto feliz. De novo eu sentia, no sonho, minha mãe perto.”

O sonho do sol-prisão [sonho de luto feliz] ocorre quando o sol desenhado pela criança durante o dia anterior, surge no sonho que a faz retornar à cena angustiante. Ao reviver a intensidade da opressão e da tristeza profunda, o sol-prisão se transforma em desejo de luto feliz. É o recurso encontrado pelo inconsciente, que denuncia uma estratégia própria do afeto incestuoso - afeto escondido - o qual carrega a transgressão indetectável, somente percebida no sonho. A condensação onírica do sol-prisão cria uma expressão que permite ver, ainda mais diretamente, sob a forma de duas palavras [luto feliz] a sua ambigüidade, conseguindo dar ao sonho mais de um sentido para um dos pensamentos possíveis desse sonho. Assim, todo o campo significativo do afeto de luto feliz é posto à disposição do trabalho do sonho. O luto feliz é o desejo inconsciente que nunca pode ser falado, é a ideia que representa a 'sensação de tristeza alegre'. Os afetos incestuosos são sentidos como um estado afetivo mórbido, submergindo o Eu. O sonho do sol-prisão exhibe o perturbador desejo que se condensa e se transforma. Ao tentar se livrar do abatimento psíquico, do pesar, da aflição que é obrigada a suportar, a criança experimenta uma felicidade que transpõe a censura do sonho.

41

O luto feliz é um estado perturbador, transformando a dor em alegria. O não sentir mais seu corpo é uma forma de significar a tristeza profunda que instaura o trauma sexual incestuoso. É quando a criança adquire um saber triste sobre o seu sofrer. A criança exposta à violência sexual frequentemente sonha que está de costas, sem rosto, sem expressão humana, sem olhos, sem boca, no escuro de um sol-prisão, que está fora de seu corpo, invisível, transparente. “Não há por que nos surpreendermos com o papel desempenhado pelas palavras na formação dos sonhos. As palavras, por serem o ponto nodal de numerosas representações, podem ser consideradas como predeterminadas à ambigüidade; e as neuroses, não menos do que os sonhos, servem-se à vontade das vantagens assim oferecidas pelas palavras para fins de condensação e disfarce” [Freud, 1900].



42

brinquedo de neve 19:34 – 20:35

“Acordei novamente no meio da noite e desesperada arranquei a máscara, pulei da cama e comecei a bater violentamente na parede da bolha; vi o brinquedo de neve e quando sacudi nas minhas mãos, eu me vi ali e então acordei”.

O sonho brinquedo de neve [sonho de angústia] simboliza a cena de um conto de fadas que remete à história de um 'príncipe encantado e uma princesa adormecida'. O brinquedo é o objeto que guarda dentro de si as lembranças mais antigas, 'lembranças encobridoras' do trauma incestuoso, quando faz deslizar o sentido dessas representações inconscientes. A angústia que o sonho atualiza exhibe o próprio lugar do fetiche ocupado pela criança. O fetiche, ao suspender a angústia [de castração], faz com que o desejo incestuoso seja realizado pelo fetichista, através do seu objeto criança.

Assim como o brinquedo, a máscara transparente também é um símbolo [identidade] fetiche. A máscara retirada com angústia e desespero indica a aflição da criança ao ter que ocupar esse lugar. Sendo máscara é um 'ornamento' do fetiche, é o véu que encobre e oculta para mostrar sem dizer. A máscara é uma formação inconsciente, uma deformação onírica, criada para ser um representante da identidade 'fálica', íntima, velada, guardando incógnita a identidade da personagem. O seu brilho reflete o signo daquilo que precisa ser velado e re-velado, escondido e mostrado, o inconfessável, o superestimável, o invisível desejo fetichista do incesto.

A bolha é uma deformação onírica do brinquedo, um representante inconsciente do fetiche, podendo também significar a asfixia, a reclusão, o isolamento. A angústia desse sonho se expande no psiquismo dilacerado da criança, cujas 'bordas' se dilatam, se deformam em desespero e horror.

Nessa lógica que vira e revira o sentido, o brinquedo, assim como a bolha, também representa um 'envelope de angústia', que surge como afeto de defesa | proteção do inconsciente. O psiquismo retem nas suas estruturas os estilhaços produzidos pelo trauma do incesto. Ao ocultar o valor lúdico do brinquedo, o sonho esconde e revela, simultaneamente, o valor do próprio fetiche como um representante inconsciente da memória traumática. Quando o desencadeamento dos afetos relacionados aos signos do incesto afloram no sonho, a angústia desperta a personagem no meio da noite.

43



44

beladormecida 20:36 – 21:08

“Sonho estranho! Eu estava deitada dentro do imenso brinquedo de neve e eu era a beladormecida dormindo, quando chegou o príncipe das trevas com uma capa preta que parecia 'asas de morcego' que batia, batia e se curvava em silêncio e quando eu toquei na capa ele me beijou e eu senti pavor.”.

O sonho da beladormecida [sonho de angústia] detecta nos seus deslocamentos, o afeto de angústia, a dor e o pavor; sentidos pela criança. O primeiro deles é o pavor do ato sexual, que mobiliza toda sua vida pulsional e volta a se repetir nas relações sexuais futuras. O segundo, é o pavor desencadeado pela dor-pavor que o ato sexual provoca na criança, dor revelada pelo sonho, no movimento das asas de morcego [batia, batia] e pavor sentido pelo beijo [erótico] do príncipe das trevas. O sonho da beladormecida 'mascara' e revela a importância dessa dor que provoca 'anestesia' e entorpecimento. A outra dor e talvez a mais secreta de todas é aquela provocada pelo dano narcísico e está relacionada com a angústia de aniquilamento, de destruição [de órgão], de mutilação [castração] real. Ao deformar e distorcer o significado desta angústia, na imagem do brinquedo de neve, o sonho transforma a percepção que a criança tem de si, devolvendo aquilo que o ato violento lhe roubou, o seu valor sexual, como uma princesa bela, amada e desejada, que ela sonhou ser um dia.

45

O pensamento mais aflitivo desse sonho é o do príncipe vampiro, que é um significante do pai. Na vida diurna, é ele que desperta o afeto de pavor vertiginoso, o qual se desloca entre o terror e o tesão. O príncipe das trevas ao envolvê-la na capa preta faz uma reverência, e esse movimento de 'asas de morcego' esconde o rito sexual secreto do incesto. Ao aproximar a relação incestuosa da relação vampírica, o sonho revela como o afeto ambíguo de terror-tesão e o excesso de excitação sexual em jogo, se aproximam do gozo perverso. A violência sexual produz angústia extrema e libera [Entbindung] uma perigosa química sexual cujo efeito explosivo é imprevisível [das Ding]. O trauma sexual se instala em virtude desse encontro desastroso, encontro da erótica perversa adulta com o erotismo pré-genital infantil. “O desejo nasce da zona erógena do corpo, e sem se reduzir ao corpo pode se satisfazer apenas parcialmente” [Freud, 1900].



“Eu estava muito tempo me olhando no espelho e então comecei a desenhar um coração partido. Lembro que em uma metade eu desenhava grades e na outra estava o vazio. Foi nesse canto do espelho que eu vi o meu rosto se transformar de menina em mulher.”

O sonho do coração partido [sonho de separação] é produzido pelo impacto que a imagem de si, no espelho, atualiza. Ela percebe a ruptura amorosa, lembra do olhar do pai, olhar que engana o desejo, percebe o pavor relacionado à descoberta da mentira no próprio olhar do pai, olhar de desejo dirigido a ela, olhar de um namorado de amar. Ela desenha em um espelho um coração partido e vê sua imagem dividida. Esse desenho, feito com um batom roxo, é um grafismo revelador na forma, no sentido e na cor. O conflito do sonho é resolvido pelo desenho, que cercou, que consignou o conflito sexual incestuoso e ao mesmo tempo o simbolizou, no desejo de separação, na linha que dividem o coração. O afeto de amor partido está preso nas múltiplas grades de angústia, grades que ultrapassam as múltiplas representações desse afeto ambivalente de amor e temor. Ao se ver no espelho, ela se vê dividida entre o que está perdido para sempre e o que resta de amor por si, capaz de reconstruir novos vínculos afetivos. O sonho do coração partido resulta dessa oscilação afetiva cindida, conflituosa da qual o desejo inconsciente se apoderou. A divisão, a ambivalência trágica do afeto incestuoso, reflete a condição do trauma sexual na infância. O coração está partido em fragmentos de afetos quase invisíveis, indetectáveis nas múltiplas formas: amor sacrificial, amor falso, paixão enganosa, amor oculto, amor secreto, amor vampírico. No sonho, o símbolo do coração partido coexiste com os afetos contraditórios na mesma imagem. A ambivalência afetiva é a coexistência de dois afetos contrários na mesma expressão da linguagem. A ambivalência tem sua origem na própria contradição dos atos e dos afetos penosos e sombrios do incesto; o desmentido, o engano, a mentira, a sedução do amor transgressor, criam o enamento perverso do incesto. O conflito surge quando o afeto de amor transgressor, a censura e a exigência moral são contraditórios. Ao romper os limites da própria proibição do incesto, essa ambivalência amplia o conflito entre o desejo de ser amada e a ausência da interdição paterna. A dúvida, o afeto enganoso e hostil, o desejo perverso do sedutor e sua permissividade estão em oposição à lei do amor. Aos olhos da criança o pai é o namorado de amar que prende o amor ao ódio, criando para ela um modelo identificatório perverso, determinando o conflito entre as futuras formas de escolhas amorosas, escolhas infelizes, divididas, melancólicas e patogênicas.



“Eu vi meu corpo um peso morto, eu estava de novo com o pai-morto, deitada ao lado dele e um véu preto diante dos meus olhos. Comecei a abraçá-lo, eu chorava muito e sentia tristeza, dei um pulo de susto e segurei ele nos meus braços, mas o peso me fez cair no chão. Minha mãe havia chegado em casa, o olhar dela parou sobre nós dois, ficou estranha e foi embora.”

O sonho do pai-morto II [sonho do retorno] expressa o momento que a personagem imagina, novamente, a morte do pai e fica espantada. Ela se assusta com o 'volta do pai', indicando que o desejo representado no sonho não é atual, mas uma terrível recordação do trauma no passado. Esse corpo que pesa é o 'cadáver' do pai na sua imobilidade afetiva. O pai não está morto no sentido da palavra, mas é assim que criança deseja que ele esteja. No sonho, ela desaba, deseja morrer com ele, mas se assusta com a força desse empuxo, se apavora com a volta dele e a lembrança do horror reaparece. O fazer sumir o pai e com ele morrer estão no mesmo plano do sonho. A angústia que o traz de volta na sua lembrança onírica é, desta vez, muito mais intenso, mais angustiante, porque o peso do olhar da mãe chega para olhar e ir embora. A morte da palavra no sonho é a mesma morte da palavra no incesto, o silêncio imperceptível. O sonho do pai-morto II recoloca as impressões da criança frente ao olhar de menosprezo da mãe. O olhar estranho - olhar mau-olhado, da inveja sentida - olhar 'terminal', condena e destrói as chances do amor, reduzindo a criança ao silêncio, à imobilidade, à fixidez da morte. O sonho denuncia aquilo que ela sente e como ela vê, na sua lógica afetiva infantil, os pais na cena do incesto. A mãe que se retira do seu lugar é a mesma que utiliza a criança como uma arma viva, porque se compara e rivaliza com ela. O olhar da inveja materna torna mais visível o combate odioso contra o marido, que agora está distante, mas que um dia foi dela. A inveja incestuosa é provocada pela posse da criança e dirigido à ela para 'conjurá-la'. O silêncio vazio, a angústia, a cristalização do ódio, a tristeza, a inveja são os afetos e pensamentos inconscientes que o sonho do pai-morto faz retornar. O conflito afetivo do trauma, que estava encoberto, pode emergir, retornar no sonho, e então revelar; sob as vestes da fantasia onírica, as enigmáticas formações e pensamentos sexuais inconscientes da infância incestuosa. "O mau-olhado é o *fascinum*, é o que tem por efeito parar o movimento e literalmente matar a vida. No momento em que o sujeito pára suspendendo seu gesto, ele é mortificado. A função antivida, antimovimento, desse ponto terminal, é o *fascinum*, e é precisamente uma das dimensões em que se exerce diretamente a potência do olhar" [Lacan, 1964].

“Voltei a dormir e me veio a imagem dela, presa dentro da teia, eu via minha mãe como uma aranha que rastejava na teia, mas ela fugiu e me deixou chorando, sem dizer nada, levando a escada com ela e me deixou sem saída.”

O sonho da mãe-aranha [sonho de ausência] simboliza o período de escuridão afetiva, no qual a criança vivencia a ausência como angústia do vazio materno, vazio que se apresenta diante da falta simbólica [função materna], falta fundamental da qual a criança não pode se enlutar. A imagem desse ser onírico fantástico, metade-mãe, metade-aranha é a expressão dessa angústia em busca de um sentido. Aos olhos da criança, ela é perigosa, temível, devoradora, odiosa. Assim como o pai, ela também está ausente da sua função, rastejando em fuga, se retirando da cena. É a ausência da mãe inteira que é sentida pela criança. Seu choro e lágrimas antecipam a decepção, o remorso, a ruína amorosa, revelando a insustentável ausência materna. O caminho está traçado no sonho, fazendo voltar para si as pulsões agressivas e destrutivas. O conteúdo onírico exhibe em forma de 'tela' do sonho, a mãe tecendo a angústia asfixiante, devoradora, mortífera. Ela consegue fugir da bolha sem corresponder ao chamado, ao apelo da criança. Se retira da cena, levando a escada e, junto com ela, a esperança da criança de ser socorrida. As paredes lisas e moles da bolha, pelas quais sobe a mãe-aranha, são 'metáforas' do corpo e das pulsões eróticas. Em seu medo e angústia a criança se agarra em busca de uma proteção contra os desejos vingativos e destrutivos. O sonho vincula a escada e as paredes lisas ao ato sexual e ao desejo incestuoso. Assim, a mãe-aranha [perversa] se revela hostil, distante, agressiva, egoísta, ausente. Na vida diurna é a mãe que busca a satisfação de suas próprias necessidades afetivas, interesses familiares, econômicos, conjugais, sem levar em conta as necessidades e a fragilidade da criança. Essa atitude fria e distante instala um amor vazio que contamina os vãos psíquicos da criança. Esse sonho permite que a criança se reconheça ali, prisioneira desse emaranhado de afetos-armadilha que determinam as condições da criança no incesto. "Na experiência de desamparo ligada à ausência da mãe, a criança guarda a possibilidade de recorrer ao grito, pelo qual ela pode chamar por socorro, enquanto que na experiência do trauma...ela é reduzida a este silêncio absoluto que a subtrai a qualquer apelo possível..." [Didier-Weill, 1997].



“A noite entrava dentro de mim quando vi ele morto no chão; depois, eu estava morta no meu corpo atual, eu não conseguia falar, estava muda, vi meu corpo saindo da capa brilhante cor de chumbo, eu me sentia em pedaços e minha pele foi ficando transparente, e quando me librei desse corpo, vi que estava viva, vi que eu voltei a ser eu mesma.”

O sonho do eu morta-viva [sonho de vir-a-ser] é aquele que representa, no incesto, os sentimentos trágicos da criança. A tristeza, a melancolia, a traição e a autopunição são pensamentos e desejos inconscientes que assumem, no sonho, duas formas condensadas, a morta e a viva. A forma morta simboliza as pulsões de morte, os afetos destrutivos do incesto, voltados contra seus pais e contra si mesma. A sensação de estranheza da personagem, ao ver o pai morto e ela mesma morta, ao seu lado, no seu corpo 'atual', simboliza aquilo que deveria permanecer secreto, escondido [*Unheimlich*], recalcado. São as recordações da vida familiar à vida psíquica, as recordações do trauma do incesto que o processo do recalque transformou em 'estranho'. O estranho-familiar nasce na vida real, quando o trauma recalcado retorna com angústia e terror extremos. A função atemporal da memória traumática introduz, no sonho, os símbolos de morte como a cor de chumbo e a transparência. O sonho do eu morta-viva faz voltar o pavor despertado pelo ato sexual incestuoso, aproximando o perigo real da morte ao estado de morta-viva experimentado pela criança que ocupa o lugar do fetiche.

O desejo de nunca mais ser vista é o desejo de invisibilidade, melancolia, fuga de si. A mudez, a ausência do som da palavra são representações dessa anestesia afetiva. O sentimento de não ser amada faz desejar a morte para si. Ao mesmo tempo em que essa sensação de estranhamento do sonho vem a ser exatamente a perda dos limites entre a realidade e a fantasia onírica, esse sonho simboliza a saída da criança do lugar de objeto-fetiche. É o sonho em que a personagem se liberta do corpo inanimado, corpo imobilizado, enfeitado para nascer na forma viva. O sonho do eu morta-viva é um sonho de 'vir-a-ser' ela mesma, quando ocorre um 'desencantamento' do fetiche, marcando, no sonho, a suspensão da compulsão à repetição [trauma] e à chegada do desejo de ser ela mesma.



“Sonhei comigo engatinhando, eu era quase bebê; tinha uma luz azul no chão, era a luz do dia amanhecendo, eu engatinhava e caía, engatinhava e caía e quando cheguei bem perto e peguei a luz, eu acordei.”

O sonho da virada [sonho de renascimento] representa o momento em que o conflito incestuoso cede às pressões da vida adulta. A saída da criança do lugar de objeto-fetice [desencantamento do fetiche] cria o desejo que sustenta esse sonho. O desejo de renascimento é o desejo alucinado que a criança experimenta, o desejo de deixar para trás sua existência em um corpo imobilizado para renascer na forma viva, humana. O sonho anterior, o 'eu morta-viva' é o sonho que aciona as pulsões [de vida] criando as condições psíquicas de saída, de suspensão do trauma, inaugurando no desejo de ser ela mesma, uma nova relação, um novo sentido para a vida. Este sonho traz um estado de urgência da vida que não quer morrer, é a força do desejo e da necessidade de existência que empurra a personagem para uma nova construção psíquica - a virada -. Uma força enorme transpõe a barreira do recalque e, sob a forma de intensa luz, ocorre a virada do tempo que simboliza o fim da fase melancólica e o início dos sonhos claros, inaugurando a mudança interior. Esse é o momento de amenizar a angústia da perda, angústia do trauma. A angústia traumática impulsiona para a mudança, para a transformação, e uma nova narrativa terá um papel fundamental nos sonhos seguintes.

A personagem sonha com o difícil percurso em busca de uma saída. O fato de ter sido transformada em objeto de gozo, do vazio afetivo sem precedente da sua trágica infância, faz surgir no sonho, um desejo alucinadamente intenso capaz de indicar o caminho da sua reconstrução interior. O sonho cria uma visão de si mesma, em busca da luz do dia, simbolizando a virada de um estado de aprisionamento interior para um estado de vir-a ser ela mesma, sujeito de seus desejos e de seus direitos. Ela, então, sonha com esse momento capaz de produzir a luz do seu próprio renascimento interior: “Após despertar, o mundo dos sentidos logo começa a exercer sua pressão e se apossa imediatamente da atenção com uma força a qual muito poucas imagens oníricas conseguem resistir, de modo que também nisso temos outro fator que tende na mesma direção; os sonhos cedem ante as impressões de um novo dia, da mesma forma que o brilho das estrelas cede à luz do sol” [Freud, 1900].



56

tempo aprisionado 29:41 – 31:12

“Eu estava presa dentro de um imenso relógio e sentia um vazio imenso, eu tentava andar, mas o tempo não passava e então me agarrei no enorme ponteiro, eu empurrava pra frente e pra trás, com muita força pra fazer o tempo aprisionado andar.”

O sonho tempo aprisionado [sonho de espera] atualiza as lembranças, as reminiscências, que resistem ao tempo do esquecimento. Pela força, intensidade e contingência do trauma, o sonho revela o efeito devastador do impacto traumático. O que move esse sonho não é a nostalgia do tempo passado, não é o desejo de retornar ao tempo do trauma, é o desejo de fazer o tempo andar, ao mesmo tempo em que a criança ainda precisa esperar para compreender o momento de subtrair a dor, e o momento de encontrar a verdade, ainda inconsciente, ainda mal-entendida. É o tempo que a criança precisa para se proteger do sofrimento e encontrar as respostas às dúvidas remanescentes do trauma: (1) Como ela pode ter amado [objeto primordial] aquele que a fez sofrer? (2) "Se ele me ama, porque faz isso comigo?" [H.4 anos]; (3) Por que continuar, na sua vida, a amar aquela pessoa que lhe fizera tanto mal?

57

Mas, se as dúvidas não permitem ainda suspender a angústia deixada pela ausência de respostas, esse sonho revela que o inconsciente possui mecanismos de defesa que não operam apenas por negação, por anulação da experiência vivida. No plano onírico, a criança se defende da angústia através de mecanismos de apagamento, de esquecimento da dor. Os afetos destrutivos e insuportáveis podem ser 'apagados' [recalcamento] no tempo do seu esquecimento. Para fazer o tempo andar, é preciso atribuir para si um novo valor, um novo desejo, atenuando as feridas [narcísicas] deixadas pelo trauma.

O vazio subjetivo deve responder com a chegada de novos vínculos afetivos, que serão criados para restaurar o desejo de viver. Assim, o desejo de 'fazer o tempo aprisionado andar' revela a capacidade de o inconsciente simbolizar essa dor e ao mesmo tempo o de preservar a vida psíquica. O sonho anseia realizar um corte inevitável com o passado, permitindo viver o presente e esperar o tempo de incertezas do futuro. "Ao tempo assim vivido, novos estados diferentes de afeto serão responsáveis pela chegada de uma nova vida: o desejo humano é algo sempre adiado no tempo, é o desejo de um outro desejo" [Lacan, 1973].



“Estava escuro novamente e eu estava sozinha olhando um retrato de família; eu olhava e ali estava meu pai, minha mãe e eu; precisei iluminar o rosto dele porque eu não lembrava mais.”

O sonho retrato de família [sonho de desfiguração e reconstrução] permite identificar como o processo onírico articula a pulsão escópica com o desejo. O sonho produz um movimento metonímico de olhares que faz deslizar o seu sentido escondido. Ao iluminar a fotografia para lembrar o 'escuro' rosto do pai, a personagem é surpreendida pelo olhar *voyeur*. O que ela olha é aquilo que não se pode ver, o obscuro desejo fetichista.

A forma invertida do sonho faz refletir uma outra imagem, deslocando para um novo sentido. Ao olhar a fotografia é o olhar dela que se ilumina e permite que se veja em um outro lugar, ressurgindo no sonho, ela mesma, sem a máscara, sem o invólucro, sem a virtual identidade-fetichista. O seu olhar é agora o que ilumina o escuro, o vazio de sentido, permitindo que o retrato atualize o instante de reconhecer em si, nesse único momento [do filme], quando é 'fotografada' sem a máscara. Ao revelar os signos silenciosos e enigmáticos do segredo de família, esse sonho de desfiguração apaga a sua identidade-fetichista para trazer de volta a sua identidade-criança.

Assim, o olhar [pulsão escópica] que opera esse sonho, reafirma, na sua lógica onírica, as condições necessárias para que ela possa se reconstruir internamente, se ver, não mais através do olhar *voyeur* do sedutor, não mais através do olhar que a identificava com o fetichista, mas sim através do olhar de reconhecimento dela mesma, no momento em que ela se vê olhada do lugar de sujeito-criança.

O sonho realiza o desejo e a fantasia que permitem uma reconstrução da sua identidade, da sua imagem corporal, realizando um reencontro com a imagem de si, com a sua palavra, com a sua subjetividade.



“Eu desenhava uma boneca enorme e andava sobre o desenho dela que era maior que eu; era a picassiana, metade menina, metade mulher; comecei a dançar com um enorme pincel num outro desenho, o jogo das cores.”

A picassiana e o jogo das cores [sonho de sublimação] é um sonho que revela duas imagens oníricas entrelaçadas. A primeira, imagem do corpo ambivalente e dividida é uma representação do desenho, a boneca picassiana. A personagem sonha que está andando sobre o seu desenho, com um enorme pincel, e pintando as linhas que dividem o corpo de menina e o corpo de mulher, condensando as imagens múltiplas em uma só imagem. A picassiana, metade menina/metade mulher, expressa um estado do afeto que evoca desejos suprimidos e proibidos, ao mesmo tempo, transgressivos e permissivos. É um significante da imagem do corpo e do afeto divididos, entre a identidade sexual infantil e a adulta. Essa disposição psíquica expressa os sentimentos ambivalentes que convivem, simultaneamente, nas 'diferentes identificações nas quais o Eu se desdobrou'. A picassiana é um auto-retrato, identidade da menina/mulher, que revela como as identificações afetivas ambivalentes coexistem, permanentemente, na dinâmica psíquica do inconsciente, sob a forma de amor/ódio, desejo/temor, sim/não. A ambivalência é um afeto dividido que surge no sonho, na tentativa de encontrar um equilíbrio interno para o conflito traumático.

A segunda imagem, o jogo das cores, revela a capacidade que o inconsciente tem de sublimar, e assim deslocar o conflito em busca de uma saída, criando com arte, um outro estado afetivo, que se desprende do trauma, assumindo a significação de uma nova realidade. Esse sonho revela a capacidade de o inconsciente criar novas significações, novas texturas, despertando a diferença dessas singularidades no corpo e promovendo a reconstrução de uma nova identidade. São fantasias e desejos que ressurgem com novos hábitos, ou são antigas verdades que se atualizam. Esse sonho permite encontrar na metáfora das cores as transformações do afeto. São os afetos 'sublimatórios' que estão em oposição aos afetos secretos. “Se tiver visto e ouvido muitas coisas, conhecido a tristeza e a inquietação, se sentir desolado e desesperançado, então infalivelmente sonhará, uma noite, que está se aproximando de casa; você a verá resplandecente e iluminada nas mais vivas cores, e as mais doces, mais caras e mais amadas formas se encaminharão em sua direção” [Freud, 1900].



“Uma luz apareceu enquanto eu tentava sair da bolha, a luz virou um espelho e fiquei muito tempo me olhando e me beijando; vi minha imagem de menina se transformar em mim mesma mulher e aí eu desejei atravessar para o outro lado.”

O sonho do espelho [sonho de travessia] é a passagem, a transição, de um estado de aprisionamento traumático para um estado afetivo sublimatório. Por ser um sonho de narcisismo, reflete o verdadeiro fundamento do processo onírico, significando um retorno às origens da infância. As representações traumáticas do incesto são 'suprimidas' no sonho, dando lugar às novas significações. A visão de si, refletida nas paredes da bolha [psiquismo], reconduz seus pensamentos à condição primeira [anseio alucinatório] que antecipa a experiência da travessia, da saída do trauma. O corpo é o lugar onde se atualizam as questões da identidade e das novas sensações. Significa deixar a sexualidade infantil para ocupar o lugar de sujeito numa sexualidade adulta. Esse sonho permite sair da confusão, do trágico, do estado de um Eu atormentado e confinado, para buscar novas experiências afetivas. É o desejo de transformação, de transição do estado de ambivalência trágica para o estado de reconhecimento de sua identidade adulta. Ao se distanciar do passado, o sonho organiza a imagem de si que foi dilacerada no incesto. Ao libertar-se das amarras do trauma, torna-se adulta para encontrar um novo sentido na vida – a transição de um estado de aprisionamento traumático, para um estado de libertação—. A causa maior desse sonho é o desejo de reconhecimento de si numa erótica e identidade adultas, quando a personagem, agora mulher, consegue se libertar das amarras do trauma [sair da bolha] que a aprisionava. Esse momento de magia simboliza o rompimento com o passado traumático, buscando uma outra forma de existir no mundo. A luz que surge no sonho simboliza o resgate do amor por si, o narcisismo de vida que representa essa transformação. Esse sonho simboliza o encontro com a imagem de si desejada, encontro singular, cujo valor significativo é a metáfora do espaço psíquico, que remete a personagem à realização do seu desejo. O sonho intensifica as sensações libertadoras e o desejo da verdade, retirando a criança do mundo exclusivo do incesto em direção a um mundo de interioridade pessoal. A travessia do trauma é esse momento de transformação, de passagem para uma vida mais rica e plena, permitindo fluírem os desejos sublimatórios. "O Eu é o lugar onde se sente o afeto e o inconsciente é o lugar onde se geram as forças que produzem seu nascimento" [Green, 1973].



"Eu estava em um não-lugar e não havia nada perto. Foi então que um vulto de asas se aproximou de mim. Era tão lindo, ele tinha asas e parecia Eros; me abraçava sem me tocar. Lembro que no sonho, tirei a máscara e senti uma emoção que nunca havia sentido antes, eu estava livre! Sem dizer nada ele me levou pelos caminhos de luz".

O sonho de Eros [sonho de elaboração] representa o desejo capaz de iluminar o apelo nele contido, o de encontrar no amor a chance de recomeçar a vida de outra maneira. O conteúdo do sonho indica que sua realização está mediada pelo desejo de transformação, de superação. O desejo de ser amada sem sofrimento, sem tortura, sem medo, faz surgir uma emoção nova, que não havia sentido antes. É a emoção de encontrar na própria voz a força da sua palavra, alcançando toda sua intensidade. As palavras que transpassam os segredos do incesto encontram, no sonho, uma força psíquica capaz de transpor a barreira da censura [recalque] em busca de sentido. O sonho revela a capacidade de o inconsciente desejar a realização [alucinatória] da fantasia de um dia ser amada e ser capaz de amar. A chegada de Eros vem a ser a suspensão dos conflitos incestuosos do passado para liberar o prazer sexual adulto em busca das suas escolhas amorosas futuras. Eros simboliza as 'pulsões para a unificação, a conservação, a vida e o amor', permitindo que a verdade seja compreendida e sentida. O sonho de Eros é um sonho de libertação interior, um sonho que resgata o amor por si [narcisismo de vida] e o valor por si, permitindo elaborar a lembrança do trauma sofrido. Ao retirar a máscara, símbolo da identidade -fetiche, a personagem se liberta do trauma se tornando-se capaz de se reconstruir, se reinventar, se sentir viva em um corpo que antes só conhecia a dor de ser um objeto de gozo perverso. Os caminhos de luz simbolizam desejos que buscam por novos afetos, representam as novas formas de subjetividade, capazes de suspender o ódio, o ressentimento e a dor do desamor incestuoso. Esse sonho remete ao amor de transferência, como uma relação que 'não apenas repete antigos vínculos, mas, introduz um indicador de novidade de afeto. A personagem, agora mulher, não ignora a violência sofrida, mas se permite 'conciliar' o trauma do passado com o desejo de libertação no futuro. O sonho de Eros é um sonho de elaboração do trauma - entre o pensamento, o afeto, o corpo e o outro -, no qual a personagem se apropria da sua história. "Eros coloca a vida em movimento quando as relações de amor são sentidas como relações de sentimentos, podendo manifestar-se fora do limite do corpo, ampliando-se para aqueles que estão diretamente afetados pelos sentimentos, os afetos, o amor: é Eros que mantém tudo em coesão no mundo" [Freud, 1924].

conclusão

O trabalho da análise dá voz à palavra da criança, revelando-se assim a invasão erótica e afetiva no psiquismo infantil. Esta 'invasão' é o encontro sexual desastroso de dois mundos pulsionais, o do adulto e o da criança, separados pelo tempo de seus próprios desenvolvimentos. O encontro dessas duas eróticas, com intensidades e maturidades diferentes, é o que inaugura o trauma sexual na infância.

O livro dos sonhos revisitados foi escrito com o propósito de reconstituir e revelar o percurso afetivo da criança, desde o momento em que é surpreendida, traída, percorrendo um longo período de angústias, sofrimentos e vazios, até o momento em que ela elabora, na transferência, o trauma sofrido. O simbolismo próprio dos sonhos permitiu que fosse 'mapeado' o universo sombrio, secreto e cruel do incesto. A linguagem psicanalítica, associada à linguagem do cinema, tornou possível 'visibilizar' os afetos secretos, desvelados então em poderosas imagens oníricas. A criança-fetice que estava oculta e pôde ser 'iluminada' pelas lentes dos grandes closes é a mesma criança que pôde ser ouvida pela escuta analítica, com arte e delicadeza. A perversão da intocável família, que ressurgue nos sonhos da personagem, simboliza a família de cada criança 'enfeitada', destruída, eliminada. A família incestuosa, com o apoio da sociedade, procura esconder as marcas da vergonha, jamais apagadas, as injúrias da sedução silenciosa, jamais reveladas, os ódios que exigem afetos impossíveis e sem limites, as falsas aparências, as traições amorosas, as ausências insuportáveis, os lutos não elaborados.

O filme *afetosecretos* revela como os sonhos despertam os signos 'enterrados' de uma infância com privação de amor e de proteção. São sonhos de repetição traumática que reativam, com a mesma força e intensidade, não o desejo de realizar fantasias incestuosas inconscientes com seus pais, mas sim, o desejo desesperador de se livrar do sofrimento, da dor e de toda tristeza que essa experiência de angústia produz.

A criança, com seu psiquismo infantil - fragmentado, dividido, ambivalente - encontra na transferência analítica o domínio da palavra, permitindo que a sua história seja 'escrita' de outra maneira. Ao acolher-se a dor inadmissível de cada criança e ao transformá-la em uma dor simbólica, o processo da análise tornou possível o gesto terapêutico que permitiu dar a essa dor um sentido suportável.

A psicanálise e o cinema permitiram criar, em *afetosecretos*, essa forma diferente de perceber, de sentir e de revelar a tragédia vivida pela criança, que sofreu o ato violento e criminoso do incesto. O encontro dessas duas linguagens possibilitou pensar-se livremente sobre os caminhos psíquicos, aproximando-os da clínica e da arte. A psicanálise, com o fazer clínico, conseguiu suspender a exposição da criança ao trauma e, assim, barrar suas consequências devastadoras. O cinema, com o pensar e o fazer arte nos seus espaços óptico-sonoros e nos seus grandes planos, permitiu ao espectador sentir o afeto no interior da personagem, na qual a voz, o olhar, o movimento corporal reproduzem as cenas da violência invisível e silenciosa do incesto. Ambos - a psicanálise e o cinema - se utilizaram da imagem visual e da expressão sonora como elos fundamentais para a compreensão do afeto e suas oscilações no psiquismo infantil.

O filme *afetosecretos* e os livros *afetosecretos* | os sonhos revisitados e *afetosecretos* | o vocabulário foram realizados com o objetivo de criar um novo aporte técnico e possibilitasse tornar mais acessível a compreensão do incesto e de suas manifestações clínicas. O conjunto desses trabalhos representa um desafio teórico e poderá tornar-se uma contribuição às bases de uma futura 'teoria do incesto'. E, principalmente, se dirige não apenas aos psicanalistas, mas também aos especialistas, de várias áreas do conhecimento, interessados na compreensão dos processos psíquicos envolvidos no incesto e nas perversões sexuais contra a criança.



Graça Pizá

afetosecretos

the revisited dreams

the film

direction|production|script Graça Pizá

cast

girl/woman|Julia Lund; *Psique*|Cibele Larrama; *father*|Marcelo Klein;

mother|Simone Centurione; *Eros*|Patrick Sampaio

realization Clínica Psicanalítica da Violência – Rio de Janeiro

e-book

translation Tim Holt, Sandra Canonne; Robson Dutra

revision Suzana Martins; Jurema Nasi

graphic design Jair de Souza Design
Jair de Souza; Rita Sepulveda
Felipe Kaizer; Aline Assis

image processing Gustavo Corrêa – Apoio Criativo

Catalogue

B512s Pizá, Graça
afetosecretos | the revisited dreams.
Graça Pizá, Rio de Janeiro, 2010.

135f.

1. Psychology. 2. Psychoanalysis.
3. Cinema

ISBN 978 - 85 - 910717 - 0 - 8

UNIPÊ / BC

CDU – 658:004

aknowlegments

72

To *Childhood*, founded by HM Queen Silvia of Sweden, for the challenge of supporting the film *afetosecretos* which originated the books *afetosecretos|the book* and *afetosecretos|the revisited dreams*.

To *Medicus-Mundi*|Itália, ligada à Organização Mundial de Saúde, pelo apoio à realização do filme *afetosecretos*.

To the Official Press of the State of São Paulo for its valuable partnership and constant support, already shown by the publication of the book *A violência silenciosa do incesto*, winner of the Jabuti Prize 2005.

To the tireless advisors of the, Clínica Psicanalítica da Violência, Paulo Fernando Teixeira, Claudio Ferrarese, Eliaz Engelhardt, who through their singularities offered basis to the developed work.

To all co-workers and friends who gave their loving and constant help without whom the present work would never have been possible.

73

introduction 22

arrival
[dream of danger]

bath I
[dream of extreme fear]

lost friends
[dream of nostalgia]

bath II
[dream of nudity]

temple
[dream of guilt and forgiveness]

interior-eight I
[dream of the reversal]

robodoll
[dream of the machinery]

interior-eight II
[dream of the reversal]

dream of the dead father I
[dream of anguish]

sun-prison
[dream of melancholy]

snow toy
[dream of anxiety]

sleeping beauty
[dream of incest]

broken heart
[dream of separation]

dead-father II
[dream of the return]

mother-spider
[dream of abandonment]

me dead-alive
[dream of melancholy]

the turn point
[dream of rebirth]

time trapped
[dream of waiting]

family portrait
[dream of disfigurement]

picassian and the play of the colours
[dream of sublimation]

mirror
[dream of the crossing]

Eros
[dream of reparation]

afetosecretos|the revisited dreams

The film *afetosecretos* presents a sequence of images and sounds of 22 dreams that are rewritten here as a film narrative. The dreams are originated from fragments of reports of numerous analyzed children who were exposed to incest. These dreams do not reveal their immediate meaning, but their narratives allow some psychoanalytical understanding of infantile physique exposed to the trauma of incest.

In these revisited dreams, new terms and concepts are presented, which usually appear at psychoanalytical practice and are here inserted as a real traumatic characteristic. These filmed images do not only represent the oniric fantasy expression and childish unconscious desire, but they, fundamentally, evoke expressions that assume the value of significance, named after affective incest deformations. They were inspired by images, drawings, sounds and words that are linked to erotic secrets related to perversion, especially fetichism and voyeurism. The oniric objects - bubble, ladder, painting on the floor, masks of female characters - are symbols that make reflections emerge from the dreams, also

dealing with the states of affect confronted to the perverse scenery of incest.

The film tells the story of a woman who is alone in a distant future, in a non-place, having quite disturbing dreams everytime she sleeps. As a consequence, she wakes up many times during the night, and every time she falls asleep, oniric images about her early childhood that gradually became more and more present to her, appear. She also dreams she is locked in a big bubble, during days, months and long years. She, then, remembers, dream after dream, her early fears, silences, anxieties, guilt and secret threats.

The emotional intensity captured and recreated by a resource such as film is expressed by large closes that make affects visible, also rescuing the function of the word in transmitting desire. Each sequence and line is clearly related to interpret and recognize how dreams are organized.

The voices create and narrate the conflicts of the main character with herself, and the repressed conflicts expressed by oniric deformations

are quite useful to make her recall important facts of her childhood. Therefore, the dreams of anxiety and punishment become dreams of resolution, overcoming trauma and an expression of freedom.

Through her dreams, the main character gradually rescues memories and reflects upon the incestuous motivations that stressed all her life. At each level, the images assume the forms and the colors of her feelings, memories of the time she was a little child, when her father invaded the room, at night, to touch her body, her sex.

Slow motion is used, gradually, moving from different dreaming levels related to the memories of the woman. These are moments that replicate the inner asphyxia, the pressure generated from the lack of contact with the external world, imprisonment and loneliness. Anxiety presents the very condition of the character's confinement, the condition of an immobilized object – a fetish object – she is put into.

The narrative (off camera) is associated with the voice of the Psyche, the character's unconscious expression, now girl, now woman. It's the representation of her desires, feelings and thoughts. It's the expression of the most ultimate feelings that spring out in

the film. It's the voice that sometimes blames the character of not having noticed the danger and of feeling guilty, it's the voice of her tyrannical superego which condemns her to sacrifice.

The first dream, 'arrival', symbolizes the moment when, still as a child, she enters the trauma of incest, caught by surprise, when she cannot realize the real danger, prior to the incestuous act itself. The fear, the seduction, the imposed silence are memories present in her dreams. Dreams of bathing evoke mystery, anxiety and fear. Some dreams are obscure, others are contradictory, but almost all show the anxiety, the helplessness, the excess of a frightening sexuality, invasive, brutal, that paralyses, isolates and causes pain.

She dreams she is in the temple, and by begging divine forgiveness, she seeks help because she feels humiliated, ashamed, guilty and alone. She wishes to escape, but she is trapped in a sun-prison.

She dreams she is a robotdoll, a machine, a toy to give pleasure, but feels nothing. Machine dreams are ones that make her quit her position of human, her word. When faced with this position of strangeness, the cycle of guilt and punishment of the dreams of punishment encloses herself. So, as a prisoner of her own guilt,

the character perpetuates the place of a child exposed to violence, a place equivalent to a machine of pleasure, without love, with no emotion, no life. The dream of the interior eight awakens the oldest memories, in the attempt to clear out the path to be found.

The dreams of guilt and punishment give way to dreams of melancholy, deep grief, separation and, finally, to the dreams of abandonment and death. The dead-father and mother-spider dreams, inside the bubble, symbolize the period of affective darkness. When she sees herself dead beside her father, she sees herself transparent, invisible. It is the sideration, the fright, the scare, the melancholy present in the traumatic dreams. The character, now a woman, is frightened by the return of the father and terrified she wakes up her most horrible memory.

The expression of melancholic affect makes her collapse due to the deep sadness this memory carries. His return in her dream means the return of a repressed trauma that reappears in oscillating and ambiguous affects. The desire of dying is also expressed by the cruel glance her mother gives her and, consequently, that reduces her to silence, to immobility, to her own inexistence.

The dreams that refer to death mean the tragic death of the word of incest. The invisible and unspeakable silence is the same silence of emptiness, anxiety, hatred, depression and abandonment. They express the forgotten feelings that were modified by censure, condensed and displaced in dreams that, somehow, were able to emerge and to awake the enigmatic unconscious feelings. The hallucinating reports give place to dreams of waiting that are still reminiscences that resist the time of forgetfulness. From strength, intensity and distance from the past, the dream of trapping is the one of a time the character needs to be protected from hallucinating pain, loss and paternal abandonment.

A transformation of lighting and color symbolizes the inner change of the character, always searching understanding and giving meaning to the pain she suffered. The turning point dream marks the moment, the tragic instant the character faces her own 'death', the moment she is suspended from internal and external pressure. The wish of being born again is the hallucinated oniric desire she experiences when she leaves her fetish identity behind to be reborn in the illuminated form of an alive identity. A huge psychic strength transposes all barriers

A psychic force overcomes the barriers of the secrets, and in the form of an intense desire a turning of time occurs, symbolizing the longings of dismissal and separation from incestuous parental bonds. They are the desires that will produce the clear dreams in the film.

The dream of the turning point brings a state of urgency to a life that does not want to perish. It's the time of birth again, a time to build herself internal limits, laws, interdiction and sexual difference transgressed through incest in order to create new bonds, new affects. The dream trapped time reveals the persistence of desire to make time move on. The subjective emptiness answers the arrival of new affective bonds, created to restore the desire to live. Thus, the desire, 'of making trapped time move on' is enlarged and immortalized by one's own unconsciousness capacity that symbolizes pain and, simultaneously, preserves psychic life. It represents the ambiguity of incestuous affect and its traumatic memories. The family portrait dream brings back the trauma and, by illuminating the child's gaze, allows herself to see the other side without any masks or covers, without the strange and graceful fetish-identity. The Picassian and the play of colors dream reflects the effects of the analysis process, through the interpretation and the mechanisms of rebuilding new forms, colors and words which symbolize the

beginning of a new identity. The character sees herself half girl, half woman, a oniric vision that evokes the suppressed and forbidden desires and simultaneously, transgressive and permissive incest. The image of an ambivalent and divided body is represented in this dream. By walking over the drawing, with an enormous brush, the character gradually paints the lines that divide her infantile body, a psychic survivor of tragic incest destruction, to rebuild a new image of herself in a woman's body. This dream allows us to find, by the metaphor of the colors, the transformations of affects that search a way out from the trauma. They are the 'sublimatory' affects, which are in opposition to the secret ones. The mirror dream, meaning narcissism, 'reflects' the real fundament of the oniric process, making emerge a new image of herself. It's the dream that symbolizes the work of reconstitution of her identity and marks the crossing, the transition, from the state of traumatic imprisonment, divided, ambivalent to a state of cohesive and sublimatory affects. It is this self-recognition that will allow the achievement of the desire that was formed during that incestuous prison. When dreaming of a new sun – meaning a new world – the character recreates herself, her fantasy of borning again. It's time she assigns a new value, a new desire, cleaning up the traces of past traumas. Another life is desired, as well as her affection being rearranged. It's the time she must attract to

herself all the creative dimensions of her psychism. Her image in the mirror resembles the look that anticipates the experience of the crossing over past difficulties. This is the moment of the film the character is freed from trauma.

It is a moment of passage, the exit, the opportunity to build what was lost and that reappears quite enlightened in her dreams. It is when the character recognizes herself in her entirety and cohesion, when her affects allows her to feel and to live the difference, the singularity. The appeal of finding love is felt as the desire that emerges from the words of the Psyche.

The arrival of Eros implies the desire for a new life. It's time to take the mask off and draw to herself all the dimensions of a free psychic. An adult life is desired and fully possible at the moment, love, hate and suffering will no longer be feared, but lived with their preserved intensities. The dream of Eros symbolizes the arrival of desire of choosing and building new bonds, to find in love the sense that creates cohesion and moves the affects throughout life.

This booklet presents two interconnected texts. The first presents the descriptive report [manifested content] of the 22 dreams of *afetosecretos* | the revisited dreams. These reports are on the pages on the left, with the photograph of each dream, its nomination and length. The second one presents a psychoanalytic re-reading [latent content] of the corresponding dream and is on the pages on the right of the booklet.





88

arrival 01:48 – 06:53

“I woke up in this strange place, in a very dark silence. I looked up and saw I was trapped; I tried to get out hitting the soft walls of the bubble with my hands and it sunk. Then, I saw a black glove. I remember the night his hand slipped inside the Chinese slipper, the pendulum that swung from one side to the other very close to my eyes, I hid myself in fear”

Dream of arrival [dream of danger] reveals the child entering the trauma of incest, surprised. The effects of surprise and of non preparation imply some unfamiliarity with danger. She cannot perceive the dangerous situation, threatening, to which she is not prepared. The fragile self of the child does not understand, does not recognize the danger that precedes the incestuous act. The child follows the paths of danger and fear, and at the same time she approaches the incestuous conflict, at this moment she answers the danger with opposite reactions. By rejecting threatening, truth and the absence of any prohibition, she denies seeing the father as a real danger and, for this reason, she surrenders to his desires. On the other hand, she recognizes the danger, shelters this fear inside her as a symptom and only later on she will try to deal with it, or face the fear of the father, adjusted to the reality of the incest. She loves and, driven by passion, she trusts her father. This is the reason the child does not associate him to danger, being unable, at that moment, to evaluate the intentions, the risks, and the pitfalls of incest. The real danger is only perceived after the first blow, at the moment she learns through anxiety that she was betrayed. The fear of losing the love of the one she loves, makes her sink into the seduction and erotic anesthesia never previously felt. It is the anxiety of the 'dark silence', the void silence of the words that is revealed by this dream. The psychic suffering captures truth and imposes a reality absent of the senses. The character tries to run away, but learns with anxiety that she is locked in a bubble. The dream retains in its 'soft walls' the fragments that have been produced by incest, bringing back the same sort of anxiety brought up by the violence of negative acts, memories of the night when she was abused for the first time. With the image of the Chinese slipper, the dream unchained, the significance of the fetish. It also weaves, at night, the internal and extreme impacts produced by the incestuous conflict in the self, during the day. The dream of arrival is a dream of anxiety facing the danger. It symbolizes, in the film, the exact moment the trauma is instilled, when the child alone has to face the pain caused by the violent sexual act and the suffering provoked by the transformation of her body in an object of perverse pleasure.

89



"I was having a bath when he came in again, whispered some words in my ear. Breathing heavily, he opened the curtains to touch me, he sickened me so much, I tried to escape, but the door was locked."

Dream of the bath I [dream of horror] reveals how oniric effects of horror felt by the child during the day keep the same intensity during the dream, remaining related to the meaning of the dream, which is the same disgusting sensation provoked by the corporal seduction and violation. In the dream, the desire of fleeing is the same night and day, since it preserves its traumatic characteristic. The dream of the bath is an unconscious expression of the extreme fear the child feels during sexual violence. The dream, in its 'hallucinatory' form, has a deformed meaning and its types of deformation are not recognized. The analysis of these dreams of incestuous horror reveals that the child's thoughts associated to the bath have in daylight, a very important role in the incestuous encounters:

(1) being a closed place the bathroom is one of the places where seduction and abuse mostly occurs, confusing the child between the need of having a bath and the desire of the abuser's look; (2) being naked in the bath brings real anxiety felt by the proximity of the seducers naked body, making impossible the assimilation the violent act to an unthinkable place; (3) in the bath, the exposed body and sex remove any idea of prohibition, changing the meaning of nudity. Under these conditions, the bath means a space of reclusion and horror; where the water, the creams, the scents and the toys become fetishized objects, fragmentated by the skin that burns and bleeds, by the body that aches and shouts, by the part of the 'nail that hurts'.

The disastrous presence of the adult's body characterizes the tragedy of the incest, unchaining symptoms of intense psychic disturbance in the child. She shuts up to protect herself from the fear and the pain of being threatened. The feeling of repulsion and disgust is a protective reaction against anxiety and excessive body excitement. The horror of being locked and confined in the bathroom, of secret aprisionment, is a characteristic symptom of sexual violence. "Fetishist feels he still relishes another advantage of his [object] substitute of the genital organ: the meaning of fetish is not known by other people, so it is not refused to fetishist" [Freud, 1927].

“They were walking in the street. They were my lost friends whom I never had in childhood. Even today, I dream of them, walking in the street.”

Dream of lost friends [dream of nostalgia] symbolizes the importance of all psychic determinations from childhood to the adult life. To the child who has suffered incest, this dream represents a traumatic impact in the child’s social life.

The trauma of incest is produced by the violence of its incidence and consummation. As a result, anxiety increases, as well as fear, disaffection, sadness, loneliness, darkness, helplessness, abandonment and emptiness. It means a lost childhood prevented from playing, since the child has been kidnapped by the pain and the suffering of unbearable excitation and cruelty. The dream reveals that this early trauma is the core of experiences that will remain without representation for ever.

When the disturbance of incest prevents her from playing and joy, the lost friends represent the desire to find, outside the world-prison, the joy of a childhood that never existed. So, such childhood means a period without playing and without the right of having friends.

This dream is a substitute variation of childhood desire, a ‘violent nostalgia’ that produces psychic suffering related to what has been lost [relation of the object], to what has never existed, to what can only be felt as something missing.



94

bath II 10:14 – 12:45

“I remember he appeared from nowhere, I felt ashamed, but pretended I didn’t see him. He kept looking at his watch and touching me, run his hand over me and pinched me. I wanted to run away, to vanish like bath steam”.

Dream bath II [dream of nudity] is a dream of traumatic repetition, in which the symptom created by trauma persists and returns. The concealed memories are inscribed in a scene that reveals the repressed feelings of indignation and astonishment felt during the erotic scene. The effect of horror awakes in the child the desire to escape. By pretending not to see, by wishing to evaporate from the scene and by trying to hide herself, the child enters an unbearable situation that represents the conflict of the will in negative, in opposition. The dream of being naked refers to the shame and humiliation to face the strength and power of the seducer, triggering a reaction of distress. The fear of being touched and penetrated is the core of this dream that hides the idea of exhibition, finding in censure the end of unspoken and invisible affections.

The shame of being in a situation of embarrassing, of erubescence and of domination, produces feelings of humiliation, insecurity and fear. The body is the absolute master of incestuous shame, when the afflictive feeling comes from the power of the look of the seducer who glares at her and undresses the child’s body . It is a present and fundamental emotion for the comprehension of the sexuality of the child suffering incest. The shyness and the chastity are amplified with the shame of her naked body in the effort to hide and avoid the repugnance, the blame and the hate felt.

The desire of running away is the desire to flee, to refuse, to be away from the incestual scene. It is the desire to say “no” to dangerous, repulsive and unbearable emotions, related to despair, anxiety and pain. The wish of becoming invisible, transparent is a resource of the child who thinks of a magic way of escaping and the desire of death towards her tyrant father: Just like the dream, incest also deceives desire [negation]. The dream deceives in function of the topic structure of psyche, and incest is a way to defraud and cheat affection.

95



“I was climbing a ladder with no end and when I looked up I saw the eye of the sky. I asked for forgiveness, but my voice did not come out, I was very ashamed and in pain”.

Dream of the temple [dream of guilt and forgiveness] is related to interdiction, to prohibition and the feeling guilty, and can assume many other oniric meanings. The eye of God moves to the voyeur eye of the father who threatens, breaks into, slips and devours. The vigilant eye of censure of the scopic pulsion makes the sense of this controlling look move, associating guilt to sin, and filth to evil.

The dream of the temple is a dream of forgiveness, because unconscious representations bring child the desire of being protected. She feels guilty and ashamed, also associating this feeling to dirtiness and femininity. The eye in the sky may also refer to forgiveness, demanding an oath to God. The ladder to heaven points to an infinite place, seeking meaning to the guilt experienced in incest. By searching and begging for forgiveness, the child seeks help because she feels humiliated, ashamed and alone. She seeks God's forgiveness for her and for her father, and hopes that he apologizes to God and to her. In the dream of the temple shame is related to repressive forces.

The representation of a loving affect towards the father, is transformed into repugnance, disgust, shame and guilt. The violent break of love to someone the child still loves exposes sexual trauma, pain and suffering triggered by an unconscious conflict. Incest also brings up rituals and that is why this dream has religious implications dealing with forgiveness, unconsciousness and repressed desires. The domination | submission associative relationship linked to a defensive feeling of guilt assumed by the child's submission [masochism], characterizes the aspects of fetishist perversion present in incestuous relationship. “The torments caused by the censure of the conscious precisely correspond, on the part of the child, to the fear of losing love, a fear whose place was taken by the moral agent” [Freud, 1938].



"I am in the time of an endless darkness and sadness. I am walking along a line with no end."

Dream of the interior-eight I [dream of melancholy] symbolizes the place of anxiety (topograph of the unconscious) at the moment the character is looking for an inner exit for her traumatic suffering. The image is one of a line in movement, where the character goes through all its extension, and returns to the starting point [Möbius]. It means the dream that enables her to visualize the movement of her inner thoughts, searching for something to fulfill what a dream [symbol] cannot supply. The character looks for an exit, a displacement of the anxiety and of the melancholy, an affective condition characteristic of incest.

The dream refers to the negativism and to the melancholic child's fear after being destroyed or destroying herself [anxiety of castration/anxiety of death]. Therefore, the line drawn on the ground represents a spacial conception, topic of the psychic happening [topology of the unconscious] and of the atemporality, indicating, at each turn, how memories, terror, Sadness and suffering associate the past to the present, giving this dream the peculiar characteristic of a visual thinking. These oniric thoughts are transformed and reveal their deepest meaning in the psyche. In the eight-interior dream, the character sees herself in front of her own "internality". She is anguished with the not well known sensation of the absence of meaning for this darkness without end brought up by the dream.

The content of this dream reveals that the sensations of displeasure, such as deep melancholy and suffering, force the unconsciousness to look for a change. The melancholy of this scene reaches the maximum intensity – infinite sadness – when the character, as a girl sees herself turned into forgotten memories that dreaming brings back. The oniric thoughts oscillate among the fears of the past, the sadness of the present, and the uncertainties of a future time. "The interior-eight allows us to work out the desire as a junctional place in the grounds of demand, where the unconscious syncopes are present with the sexual reality." [Lacan, 1973]



100

robodoll 015:32 - 15:56

"There was a dark sun on the floor and I lie down inside it, alone. I tried to move, but I could not, because my body was one of a robodoll".

Robodoll dream [dream of masquerament] puts in evidence the two words that form a neologism: robot + doll = robodoll. This fetish word is the result of a simultaneous action of various significant: (1) the robodoll is a machine that creates an amazing familiar strangeness [*Unheimlich*] in the body and the psyche of the child, body that becomes strange to the main character; (2) the absurdness of the dream appropriates the unconscious truth, an inapprehensible truth to the self of the child who has no consciousness of her place as a machine of pleasure; but she feels in this way an unconscious knowledge of the artifice and the erotic of this prison place; (3) the child who builds up the fantasy of being a robodoll has an affective perception of being in this place of an object, she feels like it, something without life, without light, a robodoll, becoming a much more secret and stable fetish for the fetishist than any ordinary ones; (4) the black-sun is dead and without light that brings back, in the dream, the darkness of melancholy, being a significant image of the deepest sadness, hardly imaginable for the interior world of a child; (5) the extreme pain produces an extreme tension until the affective anesthesia, when she understands that has been transformed into a machine of pleasure and no longer feels her body; the paralyzing suffering can not be understood and points to a hostile and obscure reality; melancholy in incest implies absolute silence, a morbid sinking, an affective loss and the cruel abandonment of her self; the dream of masquerament reveals the robodoll in place of the significance of anxiety; facing to the possibility of the scission to the self, the dream of the masquerament builds up a defense, not only against unbearable anxiety, but also as a necessity to, at the same time, repress and reveal the perverse mounting it represents.

101

The meaning and the purpose of fetish are always the one to hide and display the product of fetishist renegation. This act implies the pure hate in the tireless attempt of destruction, of extinguishing of the difference [sexual], of inhumanization. The child silences, in the face of cruel imposition, what she does not understand. The affective disorganization of incest prevents all and every chance the child has to perceive or to identify the fundamental affects necessary for human life.



“It’s an infinite eight, in this space, I wonder where the way out is, and then I hear my inner voice and I keep on talking to it.”

Dream of the interior-eight II [dream of melancholy] is a dream of repetition, turned towards unconscious thoughts of the past. Trauma has opened a narcissistic hole and finds, in the dream of repetition, a chance to reduce the quantity of affect in search of an opening, an outlet capable of moving the infinite pain and the melancholic sorrow. The character Psyche is the voice of the unconsciousness that is heard in a state of oniric thought that symbolizes a position of “reversal”, making desire represented in the dream move.

This melancholic dream hides the meaning of the traumatic dilemma of incest, to which the child is confronted with. What causes her distress is the fact she is unable to articulate the meaning of this traumatic event, since its sexual impact paralyzes her. Melancholy is here the result of deep sadness associated to moral suffering and to body cruelty, keeping the child like a prisoner of the perverse erotic, so she is always tied to this game of seduction.

The mystery that involves the meeting of the adult’s body with the child’s one, the exacerbated sexuality and the hidden seduction are experiences that confine and bring fear, a sensation of danger, keeping the child between two prohibitions – of thinking and of knowing about the untouchable secret of incest. The deception is felt with anguish and deep sadness, and the child cannot avoid giving this affect a possible meaning – a betrayed love.



104

dead-father I 017:19 – 18:55

“I was lying inside the black sun wearing transparent clothes. It was when I looked at him and felt it was the dead father, there by my side, there was a figure leaving, it looked as though it was my mother watching us; I started to shout but had no words, I tried to speak, but the sound of my voice didn't come out”.

Dream of the dead-father I [dream of anxiety] occurs when the secret reasons of the unconscious disturbance build up to the scene of the dead father. The meaning of this dream, as its content indicates, is the desire of her father's death, it's a desire of separation and absence. After the death has occurred in the dream, it's against this unconscious desire that the censure creates a reaction. For the child's unconscious, who knows nothing about death, being dead means going away and stop disturbing. When a child dreams of all the signs of her father's absence and this dream occurs at the time she has been abused, she has every reason to react against this sort of violence and to wish unconsciously the fathers removal, giving this desire a form of revenge.

The dream of the dead-father has a high psychic impact, sending the child to the deafening silence of incest. The anxiety that creates the absence of words and the soundless scream makes the wish to be heard to appear in the dream. An ambivalent desire emerges from the [tragic] oniric scene. The desire of seeing her father dead means revenge without words that may be felt, but not said because it cannot be heard. The shout means the most unacceptable affect, it's the expression of what cannot be accepted or beared, because it involves an intolerable pain that she is trying to be rid of. The soundless shout is a way her childish unconscious finds to indicate she does not accept sadism. The absence of sound may be a resistant face to an anguishing sexual remembrance that does not find any place of significance. “Even in an almost minusciously interpreted dream, there is, frequently, a part that must be left in obscurity; it is because during the work of interpretation, we realize that at some point there is an entanglement of oniric thoughts that cannot be loosened and aside this, they increase nothing towards our knowledge of the content of the dream. It is the belly hole of the dream, the point where it plunges into the unknown” [Freud, 1900].

105



106

sun-prison

18:56 – 19:33

“I slept again and I no longer felt my body, when I woke up I was lying, face down, alone in the middle of a sun-prison; I woke up and went back to sleep with the sensation of a happy mourning. Again I felt, in the dream, my mother near me”.

Dream of the sun-prison [dream of happy mourning] occurs when the sun drawn by the child during the previous day appears to her and makes her return to the anguishing scene. When reviving the intensity of oppression and of deep sadness, the sun-prison becomes the desire of a happy mourning. It is the way the unconsciousness finds to denounce a proper strategy to the incestuous affect – a hidden affect – the one that carries an undetectable transgression that can only be perceived during the dream. The oniric condensation of the sun-prison creates an expression that allows one to see, even more directly in the form of two words [happy mourning] its ambiguity, giving the dream more than one meaning. Thus, the entire significance of the affect of the happy mourning is put at the disposition of the work of the dream. The happy mourning is the unconscious desire that can never be said, it is the idea that represents the ‘feeling of a happy sadness’. The incestuous affects are felt as a morbid affective state, which submerges the self. The dream of the sun-prison shows the disturbing desire that is condensed and transformed. When trying to free herself from psychic weakness, sorrow and distress that the child is forced to bear, she feels herself relieved and able to transpose the prohibition of the dream.

107

The happy mourning is a disturbing state that changes pain into joy. No longer feeling her body is a way of showing the deep sadness that sexual trauma of incest brings up. It is when the child acquires a sad knowledge of her suffering. She is exposed to sexual violence that frequently comes up in her dreams. There she is always backwards, without a face, with no human expression, no eyes, in the dark of a sun-prison, outside the child's body, invisible, transparent. “There is no reason we should be surprised by the role played by the words in the formation of dreams. The words being the nodal point of numerous representations may be considered as predestined to ambiguity; and the neurosis not less than the dreams, help themselves freely of the advantages thus offered by the words for purposes of condemnation and disguise” [Freud, 1900].



108 snow toy 19:34 – 20:35

“I woke up again in the middle of the night and desperately pulled off the mask, I jumped off the bed and began to hit the wall of the bubble violently, I saw the snow toy and when I shook it in my hands, I saw myself there in it and then I woke up”.

Dream of the snow toy [dream of anxiety] symbolizes the scene of a fairy tale that refers to the story of ‘an enchanted prince and a sleeping princess’. The toy is the object that holds within the oldest memories, concealed memories of the incestuous trauma, when it helps to unleash the meaning of these unconscious representations.

The anxiety updated by her dreams shows the real place of fetish occupied by the child. The fetish when it suspends the anxiety [of castration] permits the consumption of the incestuous desire by the fetishist, through his child-object.

The transparent mask, just like the toy, is also a fetish symbol [identity]. The mask, pulled off with anxiety and despair indicates the child’s distress by having to occupy this place. As a fetish ‘ornament’, the mask is also the veil that covers and hides to show without saying. The mask is an unconscious formation, an oniric deformation created to represent a “phallic” identity, intimate, veiled, keeping the character’s identity unknown. Its brightness reflects the sign of what must be revealed and re-revealed, hidden and shown, the unconfessable, the overvalued invisible fetishist object of desire of incest.

The bubble is the oniric deformation of the toy, an unconscious symbol of fetish that can also mean asphyxia, reclusion and isolation. The anxiety of this dream is expanded in the dilacerated psychism of the child, and its ‘borders’ are dilated, deformed in despair and horror.

In this logic that turns and re-turns the sense, the toy, just like the bubble, also represents an ‘envelop of anxiety’ that comes as an affect of the defense/protection of the unconscious. The psychism retains in its structures the fragments produced by the trauma of incest. By hiding the toy ludic value, dreams hide and reveal, simultaneously, the value of fetish itself as an unconscious representative of traumatic memory. When unchained affects related to signs of incest emerge in the dream, anxiety awakes the character up in the middle of the night.

109



110

sleepingbeauty 020:36 – 21:08

“Strange dream! I was lying inside a huge snow toy and I was the sleepingbeauty asleep, when the prince of darkness arrived with a black overcoat that looked like bat wings that flapped, flapped and bowed in silence and when I touched the overcoat he kissed me and I felt terror”.

Dream of the sleepingbeauty [dream of anxiety] detects in its displacements the affect of anxiety, pain and horror felt by the child. The first of them is the horror of the sexual act, which mobilizes all her pulsional life and is repeated in her sexual relations in the future. The second is the disgust brought about by the pain-horror provoked in the child by the sexual act, pain revealed by the dream, as the flapping [flap, flap] of the wings of the bat and the horror felt by the kiss [erotic] of the “prince of darkness”. The dream of the sleepingbeauty ‘masks’ and reveals the importance of this pain that provokes ‘anesthesia’ and torpor. The other pain and, perhaps, the most secret of all, is the one provoked by the narcissist damage that is related to the anxiety of annihilation, destruction [of the organ] and real mutilation [castration]. By deforming and distorting the meaning of this anxiety, as in the image of a snow toy, the dream transforms the perception the child has of herself, returning what was stolen by the violent act, her sexual value, as a beautiful princess who is loved and desired, that she dreamed of being some day.

111

The most conflicting thought of this dream is of the prince vampire who represents her father. At daylight, it is him who awakens the effects of vertiginous horror which moves between terror and lust. By involving her with his black overcoat, the prince of darkness makes a reverence and this act hides the secret sexual rite of the incest. When approaching the incestuous relation with the vampire, the dream reveals how the ambiguous effects of terror-lust and the excess of sexual excitement at stake, almost reaches perverse pleasure. The sexual violence produces extreme anxiety and liberates [Entbindung] a dangerous sexual chemistry whose explosive effect is unpredictable [das Ding]. The sexual trauma is installed due to this disastrous encounter, the perverse adult erotic with the pre-genital infant erotism. “The desire is born from the erogenous zone of the body, and without being reduced to the body may only be partially satisfied” [Freud, 1900].



112

broken heart 21:09 – 22:36

"For a long time I kept looking at myself in the mirror and then I started to draw a broken heart. I remember that on one half I drew grids and the other was empty. It was in this corner of the mirror that I saw my face changing from a girl to a woman".

Dream of a broken heart [dream of separation] is produced by the impact that the image of herself in the mirror updates. She realizes the rupture of love, remembers her father's glances of desire, perceives the horror to discover the lie behind the expression of her father, an expression of desire of her, a look as if he were her boyfriend to love. She draws a broken heart on a mirror and sees her image split. This drawing, made with purple lipstick, is a revealing illustration in the shape, in the meaning and in the color. The conflict of the dream is solved by the drawing, the registration of the incestuous sexual conflict that also symbolizes the desire of separation in the line that divides the heart. The affect of the broken love is trapped in the multiple grids of anxiety, grids that go beyond the multiple representations of this ambivalence of love and intense fear. Looking in the mirror she sees herself split between what is lost forever and the narcissitic love capable of rebuilding new affective bonds. The dream of the broken heart results from this affective oscillation, split and conflictive, seized by the unconscious desire. The division, the tragic ambivalence of the incestuous affect reflects of sexual trauma in childhood. The heart is broken in almost invisible and undetectable fragments of affect in multiple forms: sacrificial love, false love, deceiving passion, hidden love, secret love, vampiric love. In the dream, the symbol of the broken heart coexists with the contradictory affects in the same image. The affective ambivalence is the coexistence of two contradictory affects in the same language expression. The ambivalence has its origin in the contradiction of the acts and of the painful and dark affects of incest, the denied, the error, the lies, the seduction of the transgressive love that creates perverse enamourment of incest. The conflict arises when the affect of transgressive love, the censure and the moral demands are contradictory. By breaking the limits of the incest prohibition, this ambivalence enlarges the conflict between the desire to be loved and absence of the paternal interdiction. The doubt, the deceived and hostile affect, the perverse desire of the seducer and his permissiveness are in opposition to the law of love. In the eyes of the child the father is a boyfriend to be loved, the one who ties love to hate, who creates a perverse identification model that determines the conflict among future love choices, unhappy choices, divided, melancholic and pathogenic.

113



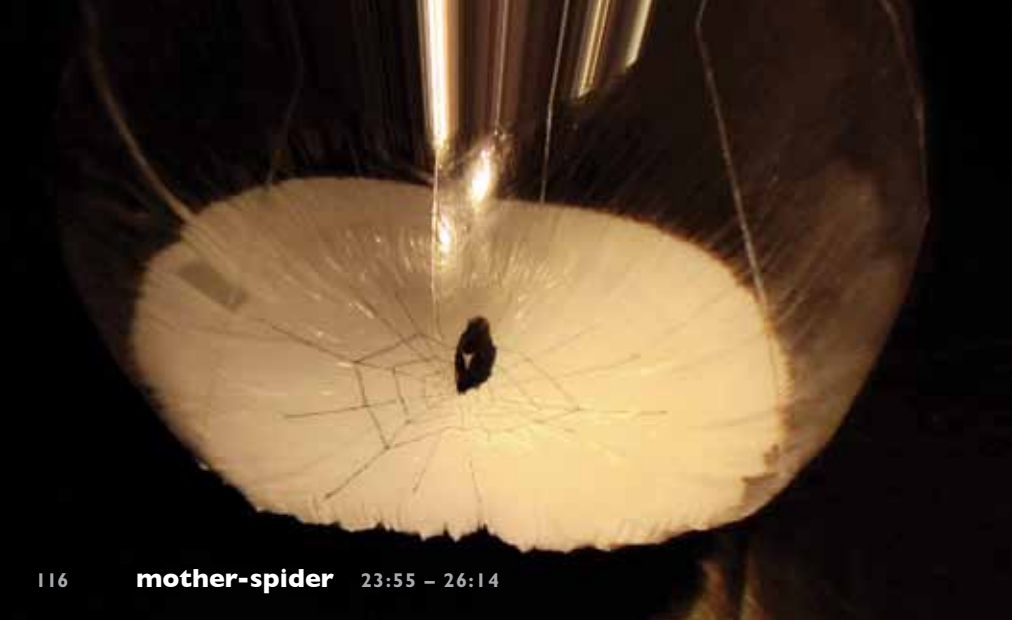
114

dead-father II 22:37 – 23:54

“I was again with the dead father, lying beside him with a black veil in front of my eyes. I started to embrace him, I cried a lot and felt sadness, I jumped up in fright and held him in my arms, but his weight made me fall on the floor. My mother had arrived at home, staring at both of us, she looked strangely and went away”.

Dream of the dead-father II [dream of the return] is the moment the character, once again, gets shocked because she imagines her father's death. She is astonished with her 'father's return', which means that the desire represented in the dream is not a present one, but a terrible memory of a trauma from the past. The body that weighs is the father's corpse in his effective immobility. He is not really dead, but it is how the child wants him to be. In the dream she crumbles down, wishes to die with him, but she is frightened by the strength of this thrust, his return frightens her and the memory of horror reappears. Making the father disappear and desiring to die with him are now on the same oniric plan. The anxiety that brings him back to this oniric memory is, this time, much more intense, but also more distressing due to the weight of her mother's glance, who just looks and goes away. The death of the word in the dream is the same death of the word in incest, an imperceptible silence. The dream of the dead-father II replaces the impressions of the child towards her mother's regard of contempt. The strange look – the evil eye look – of the envy felt – "terminal" look, condemns and destroys the chances of love, reducing the child to silence, to immobility, to the fixity of death. The dream denounces what she feels and how she sees in her childish affective logic, the parents in the scene of incest. The mother who leaves her place is the same who uses the child as a live weapon, since she compares herself to the child and becomes opposed to her. The mother's envious look makes more visible the odious combat against her husband, who is now away, but who was, once, hers. The incestuous envy is provoked by the child's possession and driven to her to 'conjure her'. The silence, the emptiness, the anxiety, the crystallization of the hate, the sadness and the envy are unconscious affects and thoughts, brought back by the dream of the dead father. The affective conflict of the trauma that was hidden may emerge from an oniric fantasy that reveals the enigmatic formation of unconscious sexual thoughts of an incestuous childhood. "The evil-look is the *fascinum*, it is what effectively stops the movement and literally kills life. The moment the subject stops suspending his gesture, he is mortified. The anti-life function, anti-movement, from the terminal point, is the *fascinum*, and it is precisely one of the dimensions in which the power of the gaze is directly exerted" [Lacan, 1964].

115



116

mother-spider 23:55 – 26:14

“I went back to sleep and her image came to me, caught inside the net. I saw my mother as a spider that crawled, but she escaped and left me crying, without saying a word, taking the ladder away with her and leaving me with alone”.

Dream of the mother-spider [dream of the absence] symbolizes the period of affective darkness in which the child faces absence, anxiety and maternal void, a voidness confronted by the symbolic loss [maternal function], a fundamental loss of which the child can not mourn. The image of this fantastic oniric being, half mother-half spider, is the expression of anxiety in search of a meaning. From the child's perspective, she is dangerous, fearful, devouring and disgusting. Like her father, she is also absent from her functions, crawling away from her duties, withdrawing herself from the scene. It is the absence of the mother in the whole that is felt by the child. Her crying and tears anticipate deception, regret, love ruining, revealing an unsustainable maternal absence. The path is traced in the dream, making the aggressive and destructive pulsions return to her. The oniric content displays itself in the form of a dream "screen" the mother weaving the asphyxiating anxiety, devourer, deadly. She manages to escape from the bubble without corresponding to the call, to the child's request. She leaves the scene, taking the ladder away with her, also taking the child's hope of being helped. The smooth and soft walls of the bubble, by which the mother-spider climbs, are 'metaphors' of the body and erogenous pulsions. In her fear and anxiety the child looks for protection against her revengeful and negative desires. The dream associates the ladder to smooth walls, to sexual act and to incestuous desire.

117

This way, the mother-spider [perverse] reveals herself hostile, distant, aggressive, selfish and absent. In the daytime light it is the mother who seeks satisfaction to her own affective needs, such as familial, economical, and conjugal, without regarding the child's needs and fragility. This cold and distant attitude installs an empty love that contaminates the child's psychic empty spaces. This dream allows the child to recognize herself there, prisoner of this trapped-affects mess that determines the conditions of the child in incest. "In the experience of abandonment related to the absence of the mother, the child keeps the possibility to call upon shouting, by which she can ask for help, while in the experience of the trauma...she is reduced to this absolute silence which substracts her from any possible call..."[Didier-Weill, 1999].



“The night was coming inside me when I saw him dead on the floor; then, I, myself, dead-alive in my present body, I could not speak, I was dumb, I saw my body coming out of the bright lead colored coat, I felt myself in pieces and my flesh gradually became transparent and when I got rid of this dead body, I saw I was alive and I became myself again”.

The dream of dead-alive [dream of becoming] is the one that represents, in incest, the tragic feeling of the child. The sadness, the melancholy, the betrayal and the self-punishment are thoughts and unconscious desires that assume two condensed forms – being dead and alive. Death represents the death pulsions, destructive affect of incest against herself. The feeling of strangeness, felt by the character when she sees her dead father and herself dead beside him, in her 'present body', symbolizes what should have been kept secret, hidden [*Unheimlich*], repressed. These are memories from the family life, memories of the trauma of the incest which the process of repression made 'strange'. The familiar-strange is born in the real life, when the repressed trauma returns with extreme anxiety and horror. The non-temporal function of the traumatic memory introduces, in the dream, the symbols of death like the lead color and the transparency. This dream brings back the horror arisen by the incestuous sexual act, approximating the real danger of death to the state of dead-alive experienced by the child who occupies the fetish place.

The desire of not being seen anymore corresponds to the desire of invisibility, melancholy, self-escaping. The dumbness, the absence of word sound represents this affective anesthesia. The feeling of not being loved brings her desire of death to herself. At the same time that this sensation of estrangement of the dream corresponds to the loss of limits between reality and oniric fantasy, this dream symbolizes the exit of the child from the place of fetish-object. It is the dream where the character frees herself from her lifeless, immobilized body, enchanted to be born in a living form. The dream of me dead-alive is a dream of 'becoming' her own self, when a 'disenchantment of fetish' occurs, fixing in the dream the suspension of the compulsion for repetition [trauma] and to the arrival of the desire of being herself.



120

the turning point 27:32 – 29:40

"I dreamed of myself crawling, I was almost a baby; there was a blue light on the floor, it was at the break of daylight, I crawled and fell, crawled and fell and when I got very close to the light and caught it I woke up".

Dream of the turning point [dream of rebirth] represents the moment when the incestuous conflicts give place to adult life pressures. The exit of the child from the place of fetish-object [disenchantment of fetish] brings the desire this dream is anchored on. The desire of rebirthing is a hallucinated desire experienced by the child. It's also the desire of leaving behind her existence in an immobilized body to be rebirth in a living human form. The previous dream is the one that drives pulsions [of life] to enable psychic conditions of exit and suspension of the trauma, inaugurating the desire of being herself in a new meaningful life. This dream brings a state of life urgency that cannot die; it is the power of desire and the necessity of existence that pushes the character to a new psychic construction, the turning point. A huge power transposes the barrier of repression and, as an intense light, one can notice the turning point of time that symbolizes the end of melancholy and the beginning of clear dreams and inner changes. This is the moment that reduces the anguish of the loss, the anguish of the trauma. The traumatic anguish urges the changes, the transformation, and a new narrative will have a fundamental role in the dreams that follow.

121

The character dreams of the long hard journey in the search of a way out. The fact of having been transformed in an object of pleasure, of the empty affect without precedence of her tragic childhood, brings the intense hallucinated desire that points to the way of interior reconstruction. The dream creates a vision of herself, in search of the day light, symbolizing the turning point from a state of inner aprisonment to a state of becoming herself, subject to her own desires and to her rights. She, then, dreams of the moment capable of producing light of her own inner rebirth. "After awakening, the world of the senses soon begins to exerts its pressure and immediately takes hold of the attention with such strength to which very few oniric images are capable to resist, so that even here we also have another fact that tends in the same direction; the dreams submit front the impressions of a new day, in the same way the brightness of the stars submit sunlight" [Freud, 1900].



“I was stuck inside a huge clock and felt an immense emptiness, I tried to walk but the time never moved and then I grabbed the huge clockhand, I pushed it back and forth with great strength to make the trapped time move”.

Dream of the trapped time [dream of waiting] updates the memories, reminiscences, which resist the time of forgetfulness. By the strength, the intensity and contingency of the trauma, the dream reveals the devastating effect of the traumatic impact. It is not the nostalgia of the passed time that moves this dream, nor is it the desire to go back to the time of the trauma, it's the desire to make the time move on, while, at the same time the child, still has to wait to understand this moment to subtract the pain, and the moment to find the truth, still unconscious, still misunderstood. It's the time the child needs to protect herself from the suffering and find the answers to doubts left from the incest: (1) How could she have loved someone who made her suffer? (2) "If he loves me, why does he do this to me?" [H. 4 years old] (3) Why, in her lifetime, keep on loving someone who has done her so much harm?

But, if the doubts do not yet allow the anxiety left by the absence of answers to cease, this dream reveals that the unconscious has mechanisms of defense that do not only operate by negation, by the annulment of the lived experience. In the oniric plan, the child defends herself from the anxiety through the mechanism of deletion, of forgetfulness of the pain. The destructive and unbearable affects may be 'deleted' [repression] when they are forgotten. In order to make time move, it is necessary to attribute to herself a new value, a new desire, softening the wounds [narcissistic] left by the trauma. The subjective emptiness must respond with the arrival of a new affective bond, which will be created to restore the desire to live. So, the desire to make 'the trapped time move' reveals the capacity of the unconscious to symbolize this pain and at the same time to preserve the psychic life. Thus, the dream wishes to make an inevitable cut with the past, thus to live the present and wait for the uncertain time in the future: "To the time thus lived, new different states of affect will be responsible for the arrival of a new life: the human desire is something always postponed in time, it's the desire of another desire" [Lacan, 1973].

“It was dark again and I was alone looking at a family portrait, I looked and there was my father, my mother and me; I needed to illuminate his face because I didn’t remember it any more”.

Dream of the family portrait [dream of desfiguration and reconstruction] permits us to identify how the oniric process articulates scopic pulsion with desire. The dream produces a metonymical movement of glances that makes the hidden dream meaning slide away. By illuminating the portrait to remember the ‘dark’ face of her father, the character is surprised with his voyeur look. She looks at what cannot be seen: the obscure fetishist desire.

The reverse dream form reflects another image that points up to a new meaning. Looking at the photo lightens her look, so she is able to see herself in another place, coming up from the dream herself, without the mask, without the cover, or any fetishist identity. Her look is now the one that clears up the darkness, the emptiness of meaning, allowing the portrait to update the moment she recognizes in herself, at this only moment [in the film] when she is ‘photographed’ without the mask. When the silent and enigmatic signs of the family secret are revealed, this dream of disfiguration erases her fetish-identity, bringing back her child-identity.

Thus, the look [scopic pulsion] that operates this dream reconfirms, according to its oniric logic, the necessary conditions she needs for her inner full reconstruction, to see herself, no longer through the voyeur look of the seducer, no longer through the look that identifies her as a fetish, but through the look of recognition of herself, performing a re-encounter with her own image, her word and her subjectivity.



126 **picassian and the play of the colors** 32:36–33:31

“I drew an enormous doll and walked on the drawing which was bigger than me; it was a Picassian drawing, half/girl, half/woman. Suddenly, I started dancing with a very big brush on another drawing, the play of the colors”.

picassian and the play of colors [dream of sublimation] is a dream that reveals two interwoven oniric images. The first one, the image of an ambivalent and divided body is the representation of the picassian doll drawing. The character dreams she is walking on her drawing with an enormous brush and painting the lines which divide her girl body and her woman body, condensing the multiple images into one. The picassian concept of half girl/half woman expresses a state of affect that provokes suppressed and prohibited desire and, at the same time, transgressor and permissive. It is a significant of the divided body and affect, between the childish sexual identity and the adult one. This psychic disposition expresses the ambivalent feelings that coexist simultaneously in the 'different identifications that has unfolded'. The Picassian is a self-portrait, identity of the girl/woman that reveals how ambivalent effects identities coexist, in the form of love/hate, desire/fear, yes/no. The ambivalence is a divided affect that appears in the dream in the attempt to find an internal balance for traumatic conflict. The second image, the play of colors, reveals the capacity that the unconscious has to sublimate and so to displace the conflict in search of an exit, creating art, another affective state that loosens itself from the trauma, assuming the meaning of a new reality. This dream reveals the capacity of the unconscious to create new meanings and new textures, showing in the body the differences of these singularities and provoking the reconstruction of a new identity. They are fantasies and desires that reappear with new habits or are old truths that are updated.

This dream allows us to find in the metaphor of the colors the transformation of the affects. They are the sublimatory affects that are in opposition to the secret affects. “If you have seen and heard many things, known sadness and unquiteness, if you feel desolated and hopeless, so inevitably you will dream, one night, that you are approaching home; you will see it resplandecent and enlightened, in the brightest colors, and the sweetest, the most expensive and the most beloved forms will be guided in your direction” [Freud, 1900].

127



128

mirror 33:32–35:40

“A light appeared while I tried to leave the bubble, the light turned into a mirror and I kept on looking at myself for a long time; suddenly I saw myself beautiful and kissing myself, saw my girl’s image become a woman, and then I wished to cross to the other side.”

The dream of the mirror [dream of crossing] means the crossing, the transition, from a state of traumatic imprisonment to one of sublimatory affective. As a dream of narcissism, it reflects the real foundation of the oniric process, meaning the return to childhood origins. The traumatic representations of incest are ‘suppressed’ in the dream, giving place to the new meanings. Her vision reflected on the walls of the bubble [psychism] reconducts her thoughts to the first condition [hallucinatory wish] which anticipates the crossing over; the exit from the trauma. The body is the place where the identity questions and the new sensations are updated. It means leaving the childish sexuality to occupy the place of the subject in adult sexuality. This dream allows leaving behind the confusion, the tragic, the state of a tormented and confined I, to seek new affective experiences. It is the desire of transformation, the transition from the state of tragic ambivalence to the state of recognition of her adult identity. By moving away from the past, this dream organizes the image of herself dilacerated by the incest. Freeing herself from the chains of trauma, she becomes an adult to find a new meaning for her life – a transition from a state of traumatic imprisonment to a state of liberation. The main reason for this dream is the desire of self recognition in an adult erotic and an adult identity, when the character, now a woman, succeeds in escaping from the chains of the trauma [leave the bubble] that imprisoned her. This magic moment symbolizes the rupture with her traumatic past, and the search for another form to exist in the world. The light that appears in the dream means the rescue of self love, the narcissism of life that represents this transformation. This dream symbolizes the encounter with the desired image of herself, a unique encounter, whose significant value is the metaphor of the psychic space that refers the character to the accomplishment of her desire. This dream intensifies the liberating sensations and the desire for truth, taking the child away from the exclusive world of incest towards a world of personal interiority. The crossing of the trauma is this moment of transformation, of passage to a richer and full life, allowing sublimation dreams to flow. “The I is the place where the affect is felt, and the unconscious is the place where the forces that produce her birth are created” [Green, 1973].

129



“I was in a non-place and there was nothing near. It was when a winged figure approached me. He was so beautiful, looked like Eros, and he embraced me without touching me. I remember I felt a sensation I had never experienced before, I was free! Without saying anything he took me in the paths of light”.

Dream of Eros [dream of elaboration] represents the desire capable of illuminating the appeal that it encloses, meaning the ability of finding in love the chance of restarting her life. The content of the dream indicates that its realisation is mediated by the desire of overcoming and superation. The desire of being loved without suffering, torture and fear bring the character an emotion she had never felt before. It is the emotion of finding in her own voice the strength of her word, with all its intensity. The words that overtake the secrets of incest find, in the dream, a psychic strength capable of overcoming the barrier of censure [repression] in search of a meaning. The dream reveals the capacity of the unconscious to desire the realization of the fantasy [hallucinatory] of being loved and also able to love. The arrival of Eros marks the suspension of the incestuous conflicts of the past and the liberation of the adult sexual pleasure, including her love choices, in the future. Eros symbolizes unification, conservation, life and love, allowing truth to be understood and felt. The dream of Eros is a dream of interior liberation, a dream that rescues the love for herself [narcissism of life] and the value for herself, allowing to elaborate the memory of the suffered trauma. When pulling off the mask, symbol of the fetish-identity, the character frees herself from the trauma becoming capable of rebuilding and reinventing herself, of feeling free in a body which only recalled the pain of being an object of perverse lust. The paths of light mean the desires that search for new affects, representing the new forms of subjectivity, capable of suspending the fear, the resentment and the pain of the incestuous disaffection.

This dream refers to the love of transference, like a relation that not only repeats old bonds, but introduces an indicator of something new in the affect. The character, now a woman, does not ignore the suffered violence, but 'conciliates' past trauma with the desire of freedom in the future. The dream of Eros also means the elaboration of this trauma – among the thought, the affect, the body and the other – in which the character takes hold of her history. "Eros puts life in movement when the relations of love are felt as relations of feelings that may be manifested beyond the boundaries of the body, enlarging to those who are directly affected by feelings, affects, love. It's Eros who keeps everything in cohesion with the world" [Freud, 1924].

The work of analysis gives voice to the child's word, also revealing erotic and infantile psyche affective invasion. This 'invasion' refers to the disastrous sexual encounter of two pulsional worlds – one coming from an adult and the other from a child, both separated by the time of their own development. The encounter of these two erotics, with different intensities and maturities, inaugurates the sexual trauma in childhood.

The book of the revisited dreams was written with the purpose of rebuilding and revealing the child's affective course, since the moment she is surprised, betrayed, drawn into anguish and sufferings till the moment she elaborates, through transference, the trauma she suffered.

The symbolism inherent in the dreams permitted that the dark, secret and cruel universe of incest be 'mapped'. The 'psychoanalytic language', associated to the language of the film, permitted us to

'visualize' the secret affects, revealing its powerful oniric images. The fetish-child that was hidden and could be 'illuminated' by the lens and the big close-ups is the same child that could be heard by the analytical hearing, with art and delicacy. The perversion of an untouchable family that springs up in the character's dreams, symbolizes the family of each enchanted, destroyed and illuminated child. The incestuous family, helped by society, tries to hide the marks of the shame that has never been erased; the injuries of silenced seduction that will never be revealed; the hatred that requires what is not possible and, without affective limit, false appearances, love betrayal, unbearable absences, non elaborated mourning.

The film *afetosecretos* reveals how dreams awake the 'buried' signs of a childhood deprived of love and protection. They are dreams of traumatic repetition that reactivate, with the same strength and intensity, not only the desire to perform unconscious incestuous fantasies with their fathers, but the desire of getting rid of suffering, pain and sadness that this experience of anguish produces.

The child, in her childish psyche – fragmented, divided, ambivalent – finds in the analytic transference the universe of words that allow her history to be 'written' in a different way. In accepting the unfitting pain of each child and in transforming it into symbolic pain, the analysis process makes therapeutic gesture possible, also permitting this pain a bearable sense.

The psychoanalysis and the cinema made possible, in *afetosecretos*, this different form of perceiving, of feeling and of revealing the tragedy experienced by the child who suffered violence and the crime of incest. Getting these two languages together made thinking freely about the psychic procedures feasible, approximating them to the clinic and to the art. The psychoanalysis, supported by clinical aid, managed to suspend the exposure of child to trauma and, thus, stopped their devastating consequences. The cinema, with the thinking and art making in its optical-sonorous and in its big close-ups, permitted the spectator to feel the affect in the interior of the character, in which the voice, the look, the body movement that reproduce the violent, invisible and silence scenes of incest.

Both – psychoanalysis and the cinema – use the visual image and sound expression as essential links to the understanding of affect and its oscillations in childish psyche.

The film *afetosecretos* and the books *afetosecretos / the revisited dreams* and *afetosecretos / the vocabulary* were produced with the purpose of creating a new technical contribution to the understanding of incest and of its clinical manifestations. The assembly of these works is a theoretical challenge and may become an effective contribution to the basis of a future 'theory of incest'. It is directed not only to psychoanalysts, but also to specialists of various areas of knowledge interested in the understanding of the psychic processes involved in incest and in sexual perversions against the child.



sobre a autora

Graça Pizá é psicanalista, cineasta e artista plástica. Mestre em Psicologia Clínica | PUC-RJ e diretora da Clínica Psicanalítica da Violência | Rede e Instituto Revirança.

Autora dos livros *A violência silenciosa do incesto* (2004) – PRÊMIO JABUTI | 2005; *Auto-Retrato Falado* (2007) e *afetosecretos | o vocabulário* (2010).

Diretora e roteirista dos filmes *A escuta do silêncio – o incesto através do olhar da criança em análise* (2003) e *afetosecretos | o filme* (2009).

www.clinicadaviolencia.com.br